



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES OSMAR DE AQUINO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS - INGLÊS

KALINI BEZERRA DA COSTA

A CONSTRUÇÃO RETORICO-DISCURSIVA NO ROMANCE *O RETRATO DE DORIAN GRAY*: UM OLHAR DA FILOSOFIA DO CÍRCULO DE BAKHTIN E A DE ARISTÓTELES

GUARABIRA
2020

KALINI BEZERRA DA COSTA

A CONSTRUÇÃO RETORICO-DISCURSIVA NO ROMANCE *O RETRATO DE DORIAN GRAY*: UM OLHAR DA FILOSOFIA DO CÍRCULO DE BAKHTIN E A DE ARISTÓTELES

Trabalho Monográfico de Conclusão de Curso da Universidade Estadual da Paraíba, Campus III, como requisito parcial à obtenção do título de licenciada em Letras habilitação em Língua Inglesa.

Área de concentração: Linguagem, Discurso e Retórica.

Orientador: Prof. Dr. Antonio Flávio Ferreira de Oliveira.

**GUARABIRA
2020**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

C837c Costa, Kalini Bezerra da.

A construção Retórico-discursiva no romance *O retrato de Dorian Gray* [manuscrito] : Um olhar da filosofia do Círculo de Bakhtin e a de Aristóteles / Kalini Bezerra da Costa. - 2020.

55 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Inglês) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2020.

"Orientação : Prof. Dr. Antônio Flávio Ferreira de Oliveira , Departamento de Letras - CH."

1. Discurso. 2. Bakhtin. 3. Aristóteles. 4. Persuasão. I.

Título

21. ed. CDD 410

KALINI BEZERRA DA COSTA

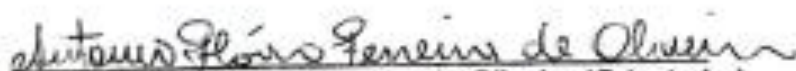
A CONSTRUÇÃO RETÓRICO-DISCURSIVA NO ROMANCE O RETRATO DE
DORIAN GRAY: UM DIÁLOGO ENTRE A FILOSOFIA DO CÍRCULO DE
BAKHTIN E A DE ARISTÓTELES

Trabalho Monográfico de Conclusão de Curso da Universidade Estadual da Paraíba, Campus III, como requisito parcial à obtenção do título de licenciada em Letras habilitação em Língua Inglesa.

Área de concentração: Linguagem, Discurso e Retórica.

Aprovada em: 08/12/2020.

BANCA EXAMINADORA


Prof. Dr. Antonio Flávio Ferreira de Oliveira (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Dr. Ildertândio Assis de Andrade Nascimento
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)


Prof. Dr. Auricélio Soares Fernandes
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

AGRADECIMENTOS

Dentre todas as pessoas que cruzaram meu caminho durante minha trajetória acadêmica, em especial aquelas que estiveram presentes no decorrer da construção dessa pesquisa, dedico meus agradecimentos:

a Deus, por ter me dado saúde e sanidade mental para concluir essa importante etapa da minha vida.

à minha mãe, pelas incontáveis horas em que me ouviu falar da teoria dessa pesquisa, pelo seu constante suporte e carinho.

à minha irmã, quem nunca deixou de comemorar todas as vezes que uma parte da pesquisa era concluída.

a Marcelo, pela amizade sincera e a companhia que, muitas vezes, foi capaz de me fazer sorrir em momentos difíceis.

à Isabelly, por sempre acreditar no meu potencial e nunca desistir da minha amizade.

ao orientador, Dr. Antonio Flávio, pela paciência e suporte na construção dessa pesquisa.

ao professor, Dr. Auricélio Soares, pelo apoio prestado durante a construção da ideia inicial dessa pesquisa.

à coordenação do curso e todos seus funcionários, pela presteza e atendimento quando nos foram necessários.

“A consciência sobre sua própria beleza brotou nele como uma revelação. Ele nunca havia sentido isso antes. Os elogios de Basil Hallward haviam soado, até então, como meros exageros de sua amizade. Ele os ouviu, riu deles e os esqueceu. Eles nunca chegaram a influenciar sua natureza. Até que Lord Henry apareceu, com seu estranho panegírico sobre a juventude e seu terrível alerta sobre sua brevidade. Naquele momento, ele estremeceu, e agora, enquanto olhava para a sombra de sua beleza, aquela realidade descrita o atravessou como um raio”.

Oscar Wilde

RESUMO

Nesse trabalho, propomos uma investigação a respeito da construção retórico-discursiva dos personagens no romance *O retrato de Dorian Gray*, especialmente, ao que remete ao emprego da persuasão no discurso de Lord Henry Wotton e seus efeitos sob o protagonista. Para atingirmos esse propósito, trazemos considerações das intenções que se refratam nos discursos dos personagens, do caráter de suas imagens discursivas e de suas ideologias, sendo o entendimento desses aspectos essenciais para que possamos compreender a razão pela qual eles empregam os meios persuasivos em seus discursos. Além do mais, não deixamos de trazer considerações a respeito do gênero da narrativa, visto que os conceitos referentes ao tempo e espaço, ao posicionamento do autor em relação às suas construções discursivas no contexto do romance se mostram de grande importância para que possamos ter um melhor entendimento sobre o gênero romanesco. Dessa forma, a pesquisa se fundamenta na filosofia do Círculo de Bakhtin, especificamente em Bakhtin (1997); Bakhtin (1998); Bakhtin (2002); Bakhtin (2006); Bakhtin (2016); e na retórica da filosofia de Aristóteles, mais precisamente em Aristóteles (2011); Aristóteles (2012), entre outros. Metodologicamente, a pesquisa é qualitativa de cunho interpretativista. Como resultado, conseguimos constatar a presença da persuasão no discurso de Lord Henry Wotton, tendo em vista que, na perspectiva aristotélica, o personagem corresponde a um orador, o qual faz uso dos três meios persuasivos. Assim, propomos-nos a analisar apenas dois deles, *etos* e *patos*. A partir da concepção Bakhtiniana, defendemos que Lord Henry é considerado um sujeito que faz uso da palavra interiormente persuasiva em seu discurso. Além disso, constatamos os efeitos da persuasão na criação de consciência, na formação ideológico-histórica, axiológica e cultural no protagonista do romance, Dorian Gray.

Palavras-Chave: Discurso. Bakhtin. Aristóteles. Persuasão.

ABSTRACT

In this research, we propose an investigation regarding the rhetorical-discursive construction of the characters in the novel *The portrait of Dorian Gray*, especially, to the use of persuasion in the speech of Lord Henry Wotton and its effects under the protagonist. To achieve this purpose, we bring considerations about the intentions, the character of their discursive images and their ideologies. Furthermore, we bring considerations about the genre of the narrative, since the concepts referring to time and space, the position of the author in relation to his discursive constructions in the context of the novel are of great importance so that we can have a better understanding of the romance genre. Thus, the research is based on the philosophy of the Bakhtin Circle, specifically in Bakhtin (1997); Bakhtin (1998); Bakhtin (2002); Bakhtin (2006); Bakhtin (2016); and in the rhetoric of Aristotle's philosophy, more precisely in Aristotle (2011); Aristotle (2012), among others. Methodologically, the research is qualitative with an interpretive nature. As a result, we were able to see the presence of persuasion in Lord Henry Wotton's speech, considering that, in the Aristotelian perspective, the character corresponds to a speaker, who makes use of the three persuasive means. Thus, we propose to analyze only two of them, ethos and pathos. From the Bakhtinian conception, we defend that Lord Henry is considered a character who uses the word internally persuasive in his speech. In addition, we note the effects of persuasion on the creation of conscience, on the ideological-historical, axiological and cultural formation in the protagonist of the novel, Dorian Gray.

Keywords: Discourse. Bakhtin. Aristotle. Persuasion.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	8
2 UM ESTUDO DA RETÓRICA CLÁSSICA E DA ANÁLISE DO DISCURSO.....	12
2.1 A concepção da retórica antes e depois de Aristóteles.....	12
2.2 O discurso na perspectiva do Círculo de Bakhtin.....	16
2.3 Uma discussão a respeito do gênero romanesco.....	20
3 METODOLOGIA.....	25
3.1 Corpus.....	26
3.2 Procedimentos de análise.....	26
4 ANÁLISE RETÓRICO-DISCURSIVA DO ROMANCE <i>O RETRATO DE DORIAN GRAY</i>.....	28
4.1 O romance de Wilde sob uma ótica bakhtiniana.....	28
4.2 O esteta e seu discurso retórico no romance de Wilde.....	25
4.3 Os efeitos da persuasão no discurso de Dorian Gray.....	41
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	50
6 REFERÊNCIAS	53

1 INTRODUÇÃO

De acordo com Aristóteles, “o discurso é o que há de mais precioso, [...]” (Ret. Liv. II, Cap. XXIV, p. 201, 1401b120), pois todos os homens são dotados de discursos, no entanto, é a maneira como fazem uso dele que os diferencia. Dessa forma, a persuasão, no discurso, surge a partir das intenções que orador tem em relação aos seus ouvintes, visto que, quando propõe convencê-los, o mesmo intenciona levá-los a praticar uma ação, aderir a uma determinada ideologia ou comportamento. Nessa perspectiva, nosso objeto de estudo se caracteriza por verificar a construção retórico-discursiva no romance *o retrato de Dorian Gray*, sobretudo, em investigar como acontece essa construção no discurso do personagem Lord Henry Wotton, tendo em vista que, por meio dela, o mesmo consegue exercer certa influência sob Dorian Gray, levando-o a criar uma consciência que o faz a agir como um seguidor de filosofias relacionadas à exaltação do belo, do prazeroso e do artístico. Nesse contexto, podemos constatar essa mudança em sua consciência através da observação de seu caráter, de suas ações e de seu comportamento, sendo por essa razão que o estudo dos efeitos da persuasão em seus ouvintes se faz importante para os propósitos desta análise. Com base nisso, a pesquisa se fundamenta na filosofia do Círculo de Bakhtin, especificamente em Bakhtin (1997); Bakhtin (1998); Bakhtin (2002); Bakhtin (2006); Bakhtin (2016); e na retórica da filosofia de Aristóteles, mais precisamente em Aristóteles (2011); Aristóteles (2012), entre outros.

Com base nessas considerações, asseveramos que a formulação de nosso objeto de pesquisa surgiu com base nas seguintes perguntas: (1) Lord Henry possui as características de um orador? (2) Como o personagem emprega os meios de persuasão em seu discurso? (3) Quais os efeitos dessa persuasão em Dorian Gray? Com base nesses questionamentos, elaboramos a seguinte hipótese: o personagem Lord Henry Wotton apresenta as características de um orador, tendo como base a filosofia aristotélica, além de se apropriar do que Bakhtin define como a palavra interiormente persuasiva para convencer o público sobre sua filosofia dos prazeres. Além do mais, consideramos o discurso de Dorian Gray para a compreensão dos efeitos da persuasão na construção de uma consciência, na formação ideológico-histórica, axiológica e cultural.

Por este ângulo, o objetivo geral intenciona investigar a construção retórico-discursiva do personagem Lord Henry, para compreender os efeitos da persuasão na criação de consciência, na formação ideológico-histórica, axiológica, cultural de Dorian Gray. Para alcançar esse objetivo, trouxemos as considerações do Círculo de Bakhtin a respeito da natureza do discurso, dos sujeitos discursivos e das características do gênero romanesco, do posicionamento do autor e dos aspectos que caracterizam os personagens no contexto do romance. Com relação aos estudos retóricos, nos apropriamos da retórica clássica aristotélica para compreendermos a importância da palavra no discurso, à natureza dos meios persuasivos, especificamente o *etos* e *patos*, além de ressaltarmos as características do orador e dos efeitos de seu discurso sob os ouvintes.

Com base nessas colocações, fomos capazes de estabelecer os seguintes objetivos específicos: (1) apontar as características do orador, presentes no discurso de Lord Henry Wotton. (2) apresentar como o personagem se apropria dos meios persuasivos (*etos* e *patos*) e da palavra interiormente persuasiva para conseguir convencer Dorian Gray a aceitar sua filosofia dos prazeres. (3) tratar dos efeitos da persuasão no discurso de Dorian Gray, protagonista do romance, visto que, ao considerarmos os estudos de Bakhtin a respeito do interlocutor e o pensamento aristotélico sobre os ouvintes, não podemos ignorar a participação deste na construção discursiva.

Dessa forma, a justificativa dessa pesquisa consiste em atribuir uma diferente interpretação dos eventos na narrativa de Wilde, através do qual é possível constatar que é por meio da construção retórico-discursiva dos personagens que pode-se compreender sua natureza e a importância de seus discursos no contexto social onde foram idealizados. Além do mais, o estudo dessas duas filosofias, do discurso e da retórica, se torna importante no contexto acadêmico porque o primeiro nos permite compreender o valor da palavra e os diferentes usos que são atribuídos à mesma. Quanto à retórica, compreendemos que no contexto acadêmico estamos em constatare necessidade da mesma, haja vista que, é por meio dessa construção discursiva que conseguimos atribuir um tom convincente aos trabalhos acadêmicos em geral, sendo por essa razão que as considerações referentes à retórica nessa pesquisa se fazem importantes.

Dessa forma, a importância dessa pesquisa para o ambiente acadêmico consiste em duas: primeiro, destacamos a perspectiva peculiar que atribuímos à obra *O retrato de Dorian Gray*, visto que ao considerarmos esse romance como objeto de investigação, nossa intenção consiste em apresentar um ponto de vista reflexivo a respeito da natureza dos personagens, na qual, a persuasão se caracteriza como aspecto de influência no desenvolvimento dos eventos da narrativa. Nesse contexto, compreendemos que nossa pesquisa se propõe a uma interpretação discursivo-retórica-literária da obra, atribuindo assim um valor enriquecedor para o romance de Oscar Wilde. A segunda tem a intenção de contribuir para que os estudos a respeito da retórica sejam compreendidos como algo que, como denomina Aristóteles, privilegia a investigação da persuasão em seus mais diversos contextos de uso, contradizendo antigas concepções que tendem a ver essa arte como um tratado que postula dicas para a construção de um discurso convincente.

Com base nisso, propomos sumarizar o estado da arte de nosso objeto de estudo, entretanto, devemos ressaltar que nossas considerações serão muito breves, haja vista que o romance de Oscar Wilde é alvo de diferentes interpretações com muita frequência e se ousássemos discutir a respeito de todas elas, nessa pesquisa não haveria espaço suficiente para tamanho diálogo. Por essa razão, a seguir, apresentaremos apenas duas pesquisas que têm seu foco de análise nos personagens sobre os quais nos propomos a analisar, além de desenvolver um estudo que se assemelha, em partes, com a nossa proposta.

Na tese de Fratric (2016), o autor faz uso do pensamento de Bakhtin, entretanto, esse está voltado à autoconsciência, propondo, assim, uma análise das concepções da arte nas três personalidades principais do romance, sendo elas: Basil Hallward, Dorian Gray e Lord Henry. Além disso, ele intenciona discutir a respeito dos conceitos de tempo e espaço na narrativa, tencionando estabelecer uma discussão sobre como cada personagem se posiciona na sociedade em que vivem.

Em Rodrigues (2014), percebemos que a autora se propõe a analisar o personagem Lord Henry Wotton, com o intuito de compreender os traços que constituem seu posicionamento Hedonista e sua postura como Dândi no romance. Nesse contexto, ela se apropria da concepção discursiva de Maingueneau, como também de sua perspectiva a respeito do *Étos*. Além do mais, em sua análise, a

autora apresenta ricas considerações sobre o período histórico e social da Inglaterra vitoriana, os considerando essenciais para a compreensão da construção discursiva da figura do personagem.

Com base nessas duas perspectivas, nossa pesquisa se diferencia das previamente citadas, haja vista que propomos uma investigação a respeito da construção retórico-discursiva dos personagens no romance *O retrato de Dorian Gray*, especialmente, sobre o emprego da persuasão no discurso de Lord Henry Wotton e seus efeitos sob o protagonista do romance, Dorian Gray. Para atingirmos esse propósito, trazemos considerações a respeito das intenções que norteiam os discursos dos personagens, do caráter de suas imagens discursivas e de suas ideologias, sendo o entendimento desses aspectos essenciais para que possamos compreender a razão pela qual eles empregam os meios persuasivos em seus discursos. Além do mais, não deixamos de trazer considerações a respeito do gênero da narrativa, visto que os conceitos referentes ao tempo e espaço, ao posicionamento do autor em relação as suas construções discursivas no contexto do romance se mostram de grande importância para que possamos ter um melhor entendimento sobre o gênero romanesco em sua completude.

Partindo desse pressuposto, nossa pesquisa está organizada em quatro (4) capítulos, delimitada para estabelecer, respectivamente, uma introdução à retórica clássica de Aristóteles e algumas considerações a respeito da teoria da análise do discurso bakhtiniana e das características do gênero romanesco; para em seguida detalharmos os procedimentos metodológicos que foram utilizados, visando, assim estabelecer maior transparência sobre a construção da pesquisa; e por fim, nos voltamos para a análise do romance de Wilde, apontando os aspectos que delimitamos anteriormente.

2 UM ESTUDO DA RETÓRICA CLÁSSICA E DA ANÁLISE DO DISCURSO

Nesse capítulo, temos como objetivo, inicialmente, discutir a respeito da retórica clássica de Aristóteles, enfatizando brevemente os eventos que impulsionaram a origem dessa arte do bem falar, para em seguida, nos aprofundarmos no conceito delimitado pelo filósofo grego; as características que o mesmo atribuiu a um discurso de natureza retórica; a concepção aristotélica dos sujeitos do discurso e, por fim, seus meios persuasivos. Tendo em vista que nosso trabalho se propõe a compreender a persuasão através da análise discursiva de dois personagens no romance *O retrato de Dorian Gray*, não podemos deixar de considerar os estudos referentes ao discurso como parte de nossa discussão, haja vista que é através da perspectiva do Círculo de Bakhtin que buscaremos trazer considerações a respeito dos sujeitos discursivos, da importância da palavra e sua função comunicativa no contexto da persuasão. Ademais, também ponderamos o pensamento do filósofo russo a respeito do gênero romanesco, visto que suas considerações a respeito do romance, em específico, se mostram fundamentais para a compreensão da natureza dialógica dos personagens e de sua importância na construção do romance.

2.1 A concepção da retórica antes e depois de Aristóteles

De acordo com Reboul (2004), o estudo da persuasão se iniciou na Sicília, no ano de 465 A.C, quando o mestre Córax e seu discípulo Tísias, elaboraram uma coletânea de preceitos denominada *arte oratória*, na qual trazia dicas de como as pessoas poderiam se defender através da palavra em júri público. O filósofo Córax era um orador respeitado pelo povo e quando se propôs a ensinar à persuasão, denominou seu estudo de retórica, atribuindo a este a seguinte definição: “[a retórica] é criadora da persuasão” (REBOUL, 2004, p. 2, grifo meu). Dessa forma, percebemos que a retórica surgiu no contexto judiciário, tendo como principal objetivo o ensino de técnicas que levassem a persuasão. No entanto, foi por causa da estreita relação existente entre Sicília e Atenas, a retórica rapidamente foi capaz de encontrar seu espaço na Grécia, ambiente onde eles foram bem recebidos pelo povo (REBOUL, 2004).

Os primeiros que ousaram discursar em praças públicas foram os sofistas, os quais tinham a intenção de mostrar aos atenienses que eles eram conhecedores da arte retórica e, conseqüentemente, causar uma boa impressão nos cidadãos de Atenas. Quando os atenienses se viram diante de tamanho domínio da palavra, eles ficaram maravilhados e, logo, recorreram aos sofistas em busca de tutoria. Na perspectiva de Kennedy (2008), esses filósofos só foram bem aceitos na cidade de Atenas, porque o momento era propício para a política e o intelecto, o que foi denominado por ele como renascimento grego, tendo seu início ao fim das guerras Persas.

Dessa forma, o termo sofista, “[...] indica um homem sábio, mestre do intelecto e do bem falar” (KENNEDY, 2008, p.472), sendo Protágoras e Górgias nomes reconhecidos entre estes. No que diz respeito à retórica, os sofistas deram contribuições importantes, pois desenvolveram estudos a respeito do “[...] vocabulário, gramática, estilo, possibilidades lógicas, conhecimentos teóricos e práticos tanto na poesia como na prosa¹” (KENNEDY, 2008, p. 476, tradução minha), mas também favoreceram a construção de uma visão depreciativa da mesma ao cobrarem altos valores em troca de seus ensinamentos e fazerem uso da persuasão para, “[...] transformar o argumento mais fraco no mais forte” (REBOUL, 2004, p.3).

Alguns filósofos, como Platão e, posteriormente, Aristóteles, criticavam essa postura dos sofistas, pois não os consideravam merecedores de admiração; pelo contrário, atribuíam a eles termos pejorativos (KENNEDY, 2008). Esses filósofos acreditavam que os sofistas faziam mau uso do que denominam verossímil, termo esse definido por Aristóteles como: “[...] a verdade, ou o que parece ser a verdade” (Ret. Liv. I, Cap. II, p.46,1356A120). Ao compreender que não existe uma verdade universal, entendemos que as palavras do filósofo indicam que o orador deve discursar sobre aquilo em que acredita, tendo como base de seus argumentos, a sabedoria e experiência, fazendo uso desses para que, assim, os outros pudessem aderir ao seu pensamento. No entanto, com relação aos sofistas, compreendemos que eles tinham uma diferente visão a respeito da persuasão, pois defendiam que ela deveria acontecer de qualquer forma e, por causa disso, muitas vezes

¹ No texto original: “[...] its vocabulary, its grammar, its stylistic and logical possibilities, theoretical and practical, both in poetry and in prose”.

privilegiavam as emoções sob a razão, fazendo uso de argumentos mentirosos, ou fantasiosos, para vencer uma causa (FONSECA, 2001).

Com base nessas considerações, passaremos a discutir a respeito da perspectiva aristotélica, tendo em vista que essa corresponde ao propósito dessa pesquisa, pois nesse contexto, a retórica não é mais compreendida como um conjunto de técnicas que visam a persuadir, mas sim, se propõe a investigação dos meios que levam a esse determinado fim. Nesse caso, vejamos o fragmento seguinte, no qual Aristóteles delimita o campo de atuação de sua arte retórica, observe:

Pode-se definir a retórica como a faculdade de observar, em cada caso, o que este encerra de próprio para criar a persuasão. Nenhuma outra arte possui tal função. Toda arte pode instruir e persuadir acerca do assunto que lhe é próprio, por exemplo: a medicina, sobre o que é saudável e doentio; a geometria, acerca das propriedades das grandezas; a aritmética, a respeito dos números; o mesmo aplicando-se às outras artes e ciências. Quanto à retórica, todavia, vemo-la como o poder, diante de quase qualquer questão que nos é apresentada, de observar e descobrir o que é adequado para persuadir (Ret. Liv I, Cap. II, p.44, 1355b130).

A partir dessa passagem, compreendemos que a retórica não corresponde a uma ciência que necessita da delimitação de um campo para seus estudos, haja vista que essa liberdade atribuída a ela, a permite atuar em diferentes áreas de conhecimento. Dessa forma, a arte da oratória não se limita a discutir apenas sobre a física, política, história, as ciências, entre outros, mas se propõe a discursar sobre todos eles, haja vista que onde houver a persuasão, a retórica pode estar presente sem infringir sua natureza.

Tendo conhecimento da definição dada à retórica, passamos agora a compreender seu objeto de estudo: a persuasão. Em sua obra, *Retórica a Alexandre*, Aristóteles a define como, “[...] uma exortação no sentido de induzir as pessoas a uma certa escolha, discurso ou ação, [...]” (Ret. a Alex. Cap. I, p.43, 1421b120). Com base nessa definição, compreendemos que o ato de persuadir envolve levar alguém a fazer alguma coisa e, por essa razão, enxergamos a persuasão em diferentes meios de comunicação: em um texto acadêmico (contexto formal); ou em uma troca de mensagens entre amigos (contexto informal); em uma imagem (no campo da semiótica) ou no próprio silêncio, dependendo de como seja empregado no discurso. Para atingir seu propósito, a persuasão acontece através

dos *meios de persuasão*, sendo delimitados em três por Aristóteles, sendo eles denominados: *etos*; *patos* e *logos* (Ret. Liv I, Cap. II).

Nessa perspectiva, entendemos que o *etos* é o meio persuasivo que, “[...] depende do caráter pessoal do orador” (Ret. Liv I, Cap. II, p.45, 1356A15), haja vista que é por intermédio dele que consegue gerar a persuasão. Nessa perspectiva, o orador que se apropria desse meio, constrói um discurso que busca inspirar a confiança a respeito daquilo que diz para aqueles que o ouvem. A respeito disso, Aristóteles explica que o assunto em um discurso dessa natureza não tem tamanha importância, bem como o que os ouvintes pensam sobre o orador, antes do momento de sua fala, não deve ser considerado pelo mesmo (Ret. Liv I, Cap. II). Partindo desse pressuposto, compreendemos que o orador, ao fazer uso de seu caráter, tenciona levar seu público a enxergá-lo como digno de mérito.

Com relação ao *patos*, para Aristóteles, este último consiste em “[...] levar o auditório a uma certa disposição de espírito” (Ret. Liv I, Cap. II, p. 45, 1356A15). Nesse caso, o discurso desempenha um papel de importância, porque ele deve ser construído de uma maneira que afete as emoções do público. Dessa forma, deve-se elaborar um discurso, o preenchendo com palavras e argumentos que o levem a produzir um determinado sentimento.

Por último, temos o *logos*. Nas palavras de Aristóteles, a persuasão por meio do *logos*, “[...] é obtida através do próprio discurso quando demonstramos a verdade, ou o que parece ser a verdade, graças à argumentação persuasiva apropriada ao caso em pauta” (Ret. Liv I, Cap. II, p. 46, 1356A20). Nesse contexto, podemos comparar o *logos* ao *etos*, pois, como vimos anteriormente, no caso do *etos*, o orador deve levar o público a confiar em seu caráter, já no caso do *logos*, são os elementos racionais do próprio discurso que devem inspirar as pessoas a confiarem na informação que está sendo transmitida.

Com base nesses conceitos referentes a cada meio de persuasão, faz-se impossível avançarmos em nosso estudo, sem ressaltar o quanto, ao construir sua teoria sobre a retórica, Aristóteles transparece certa preocupação com a linguagem humana, não em aspectos voltados à sua historicidade, estrutura ou vocabulário em específico, como outras ciências desse mesmo ramo, mas em aspectos relacionados ao uso da língua. Ao considerar a persuasão como objeto de estudo da retórica, o mesmo busca compreender como esta se infiltra no discurso, tornando-se parte dele. Nessa perspectiva, o conhecimento a respeito da teoria do discurso é

fundamental para garantir um melhor entendimento, haja vista que é através dele que constatamos o uso da persuasão. Por essa razão, na próxima seção, iremos explorar alguns conceitos referentes ao discurso, que também serão de igual relevância para a análise do *corpus* que selecionamos para essa pesquisa.

2.2 O discurso na perspectiva da filosofia do Círculo de Bakhtin

Para compreender o discurso na perspectiva de um dos maiores estudiosos da linguagem, precisamos antes entender que, para Bakhtin, tudo está relacionado à interação social. Em *gêneros do discurso*, o filósofo afirma que, “todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem” (BAKHTIN, 2016, p.11). Logo, compreendemos que essas atividades envolvem a interação, sendo indispensável o uso da linguagem nas suas mais diversas formas, para atingir os mais distintos propósitos. Nesse sentido, a língua nasce “[...] da necessidade do homem de autoexpressar-se, de objetivar-se” (BAKHTIN, 2016, p.23). Ao se expressar pela e na linguagem, o homem constrói algo, desconstrói ou reformula. Dessa maneira, funciona a língua, sendo compreendida por Bakhtin como uma construção viva, em constante modificação, nunca completa ou finalizada (BAKHTIN, 2006), sendo a interação seu *habitat*, ambiente onde ela vive e desenvolve-se.

Ao considerarmos a linguagem nessa perspectiva sociointeracional, estamos chamando a atenção especificamente para os estudos desenvolvidos pelo *Círculo de Bakhtin*. Como comenta Oliveira (2019), foi “[...] na Rússia da década de 1920 que estudiosos realizam pesquisas para investigar os elementos que, mesmo constitutivos, ficam dispostos do lado exterior da linguagem [...]” (p.64). As pesquisas mencionadas anteriormente indicam os estudos coordenados por Mikhail Bakhtin e um grupo de estudiosos reunidos por ele, e que contribuíram de forma muito significativa para o desenvolvimento do pensamento bakhtiniano, pois esse grupo trazia ideias originais em uma época de muitas inovações no campo das ciências humanas.

A necessidade de estudar esses elementos que foram considerados exteriores à linguagem, tendo como exemplo à cultura, a ideologia, a historicidade, a economia etc. (OLIVEIRA, 2019, p.61), surge como uma crítica ao pensamento estabelecido por Saussure em seu *Curso de linguística geral*, publicado no ano de

1916. Considerado um revolucionário dos estudos da linguagem, Saussure estabelece o objeto de estudo da linguística ao definir que, “a linguagem tem um lado individual e um lado social, [...]” (SAUSSURE, 2006, p.16), sendo o primeiro referente à fala e o segundo a língua. Para ele, a língua é o objeto de estudo da linguística, pois, por meio dessa, é possível compreender elementos referentes à estrutura interna das línguas, como por exemplo, suas estruturas, seu funcionamento na mente, entre outros.

Nessa perspectiva, é pertinente citarmos a leitura de Macedo (2009), pois ele aponta para aspectos na teoria saussuriana, que não são considerados por Bakhtin, haja vista que excluem o caráter interacional da linguagem. Para esse teórico, ao desconsiderar a fala, Saussure designa para a linguagem um, “[...] caráter normativo e estável [que] prevalece sobre o caráter mutável da língua - vista como produto acabado, transmitido através das gerações” (MACEDO, 2009, p.2, grifo meu). Ao analisarmos essa afirmação,, entendemos que se a língua não tivesse um caráter moldável, como defende Saussure, as diferentes profissões não teriam seus próprios jargões, ou grupos sociais não teriam suas gírias particulares. Além disso, ao consideramos a língua como um instrumento acabado, transmitido de geração para geração, negamos a existência das alterações em palavras e expressões que ocorrem com o decorrer do tempo.

Com base nesse caráter estruturalista atribuído aos estudos da linguagem, em seus textos, Bakhtin afirma compreender a metodologia que norteia os estudos linguísticos, considerando que este se sustenta sob dois pontos: o primeiro se refere à estreita relação que considera existir entre a linguística e a filologia. Enquanto que o segundo surgiu da necessidade dessa ciência de compreender as línguas mortas, aspecto esse que impulsionou os estudos da linguagem (BAKHTIN, 2006). Ao que se refere a esse último aspecto, o filósofo russo a critica ao afirmar que: “toda enunciação, mesmo na forma imobilizada da escrita, é uma resposta a alguma coisa e é construída como tal” (BAKHTIN, 2006, p. 99). Dessa forma, compreendemos que na perspectiva do filósofo russo, até mesmo os textos dos quais as línguas perderam seu uso, devem ser considerados como um meio de interação, haja vista que para a construção daquele texto, foi necessário outro texto, para o qual, o primeiro construiu uma resposta.

Embora nos textos de Bakhtin possamos encontrar críticas ao pensamento Saussuriano, Brait (2006) defende que não devemos utilizar a teoria do discurso

para desmerecer os méritos dado à linguística, concebendo uma ciência como superior à outra, em vez disso, propõe que enxerguemos os estudos do discurso como extralinguísticos, pois, ao desenvolver uma nova disciplina, Bakhtin tinha interesse em “[...] encontrar caminhos teóricos, metodológicos e analíticos para desvendar a articulação constitutiva do que há de interno/externo na linguagem” (BRAIT, 2006, p.13). Sendo assim, compreendemos que o filósofo russo se propões a ir além dos limites estabelecidos pela linguística, buscando compreender a linguagem por meio dos seus aspectos internos e externos, levando em consideração tanto os elementos que concernem à língua, como às particularidades dos indivíduos, sujeitos do discurso (BRAIT, 2006).

A partir dessas considerações, passaremos agora ao estudo da Análise Dialógica do Discurso (ADD), tendo como propósito compreender como esse campo do conhecimento da linguagem se desenvolveu e os elementos que o compõem. Em *gêneros do discurso*, Bakhtin define que o objeto de estudo de sua filosofia é o discurso, o denominando como: “[...] a língua *in actu*” (BAKHTIN, 2016, p.117). Em outras palavras, compreendemos que o discurso corresponde à língua no momento de uso. Nesse contexto, o filósofo confere aos enunciados o papel de menor unidade discursiva, atribuindo a eles um caráter social (BAKHTIN, 2016). A respeito disso, o filósofo defende que os enunciados não correspondem à mesma função das orações, como alguns consideram, pois:

Um enunciado nega ou afirma algo. Não se pode responder a uma oração porque em si mesma ela não afirma (nem nega). Ela só se torna afirmação no contexto, na relação com outras orações na totalidade do enunciado (BAKHTIN, 2016, p.133).

Dessa maneira, compreendemos que as orações constituem os enunciados, pois é apenas ao serem introduzidas em um contexto que recebem um valor significativo, tendo em vista que ao desconsiderarmos o meio no qual são produzidas, as orações se tornam fonte de uma análise estrutural. Com relação à produção do enunciado, Bakhtin (2006) afirma que este está carregado de intenções, visto que cada indivíduo é norteado por uma vontade, o que permite que cada enunciado seja diferente, ou seja, mesmo que sua construção estrutural se assemelhe, eles nunca serão considerados iguais, pois é a intenção dada àquela produção que tem relevância. Decerto, pensemos a respeito do seguinte caso, vamos imaginar que durante uma conversação, uma sentença é repetida mais de

uma vez. Na perspectiva da sintaxe, pouca importância àquela repetição terá, entretanto, na enunciação, as repetições assumem diferentes propósitos, podendo indicar uma ênfase em determinada informação, ou uma tentativa de lembrar alguém a respeito de algo, entre outros (BAKHTIN, 2006).

Ao mencionarmos os indivíduos, faz-se necessário compreender a importância dada ao sujeito no ato comunicativo. Para Bakhtin (2006), o interlocutor não é uma *tabula rasa*, que pouco contribui no contexto da comunicação, se mantendo passivo no momento de interação. Muito pelo contrário, o interlocutor corresponde a um ser ativo, de tamanha relevância para que a palavra seja colocada em uso, pois como afirma Oliveira (2019), “é nesse cenário dialógico que vive a linguagem a qual se manifesta e é usada a partir das exigências existentes nos vários domínios ideológicos” (p.95). Dessa forma, percebemos que a linguagem necessita desse ambiente de interação, sendo, nesse momento, que os indivíduos compartilham, entre si, conhecimentos, vivências, reflexões, entre outros. Quando fazem isso, acontece um processo de influência mútua, pois a palavra “[...]” está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial” (BAKHTIN, 2006, p.96).

Ao afirmar que a palavra carrega consigo ideologias, Bakhtin (2006) estabelece que ela constrói-se no meio social, refletindo assim os costumes, tradições, pensamentos, e vivências de um determinado povo. Em outras palavras, Nascimento (2019) exemplifica esse pensamento bakhtiniano fazendo uso de uma simples analogia, na qual ele afirma que: “[...] a palavra é o rio no qual a consciência está imersa. Ela é o elemento que alimenta e preenche todas as relações no fluxo social da vida” (NASCIMENTO, 2019, p.29). Nesse contexto, compreendemos que a construção ideológica dos indivíduos está diretamente relacionada com o contexto social no qual eles se encontram. Sendo assim, como aponta Nascimento, “o ser é, portanto, dialógico, porque vive em intenso diálogo com o outro, e ideológico, porque não pode ser concebido fora do social” (NASCIMENTO, 2019, p.30).

Dando sequência à nossa discussão, considerando os conceitos abordados até agora, sentimos a necessidade de debater a respeito dos gêneros do discurso. Para Brait (2006), o estudo dos gêneros é uma consequência da ação de Bakhtin de fazer análises além dessa “materialidade linguística” (p.13), o que resultou em uma compreensão do texto ao ponto de classificá-los em categorias, tendo como base o estilo, o tema e sua composição. Na concepção bakhtiniana, os gêneros são textos

que possuem traços comuns entre si e se dividem em dois grupos: primários e secundários.

Os gêneros primários são considerados simples, pois se referem à linguagem cotidiana, diálogo oral, como por exemplo: “[...] linguagem das reuniões sociais, dos círculos, linguagem familiar, cotidiana, linguagem sociopolítica, filosófica, etc.” (BAKHTIN, 2016, p. 20). Enquanto que os gêneros secundários são considerados complexos, pelo fato de envolverem a escrita, tendo como exemplo: “[...] os romances, dramas, pesquisas científicas de toda espécie, os grandes gêneros publicísticos, etc.” (BAKHTIN, 2016, p.20). Ao considerarmos ambos os gêneros, Bakhtin delimita a existência de uma diferença funcional entre eles, estabelecendo que os primários devam estar sempre relacionados à realidade, enquanto que os secundários, à ficção. Quando surge a necessidade de ser incorporada a estrutura de um gênero em outro, os primários são os únicos que sofrem alterações, pois ao adentrarem a ficção, perdem seu vínculo com a realidade concreta (BAKHTIN, 2016). Tendo em vista a diversidade de cada gênero, para os propósitos desta pesquisa, iremos considerar apenas os gêneros secundários, especificamente o gênero romanesco, haja vista que este corresponde à obra que selecionamos para uma análise posterior.

2.3 Uma discussão a respeito do gênero romanesco

De acordo com Haiduke (2009), “[...] o romance moderno firmou suas principais características por volta de meados do século XVIII, [...]” (HAIDUKE, 2009, p.02), tornando-se um dos grandes gêneros literários. Para muitos estudiosos, existe uma dificuldade em definir e compreender as particularidades do gênero em questão, pois ele se opõe às estruturas e aos padrões estabelecidos por aqueles que o antecede, os gêneros clássicos, como a epopeia, a tragédia, a poética, entre outros. Para Bakhtin, o romance diverge dos outros, pois surge em um período de mudanças sociais e ideológicas (BAKHTIN, 1998), o que influenciou sua composição, atribuindo a ele particularidades jamais vistas antes. Entre elas, o filósofo aponta as seguintes como principais, vejamos:

Aponto três dessas particularidades fundamentais que distinguem o romance de todos os gêneros restantes: 1. A tridimensão estilística do romance ligada à consciência plurilíngue que se realiza nela; 2. A transformação radical das coordenadas temporais das

representações literárias no romance; 3. Uma nova área de estruturação da imagem literária do romance (BAKHTIN, 1998, p. 403-404).

Na perspectiva Bakhtiniana, os gêneros clássicos dizem respeito à valorização da tradição e da cultura nacional (BAKHTIN, 1998). Por isso, na epopeia, os heróis são extraordinários, praticam grandes feitos e possuem características sub-humanas. Além disso, por se concentrarem no passado, as histórias trazem mitos e lendas de grandes heróis de certo povo, em determinada região. Nesse sentido, a produção não envolvia outra cultura, ou estava destinada a outros povos e línguas, mas sim, às pessoas que compartilhavam daquela determinada herança cultural, passando essas histórias de geração para geração (BAKHTIN, 1998).

Em contrapartida a isso, o romance surgiu em um momento muito mais propício à expansão do pensamento, algo que reflete na literatura desse período, pois não mais se valorizava a todo custo a cultura nacional, os escritores mergulhavam em produções que retratavam outras culturas e povos, sendo escritos até em outras línguas. Nesse sentido, o romance é plurilíngue, porque não se limita a uma nação e uma língua, mas abre espaço para outras culturas e línguas, o que atribui a ele um caráter internacional. Além do mais, no caso do romance, sua estrutura possui, “[...] elementos do presente inacabado que não o deixam se enrijecer” (BAKHTIN, 1998, p.416), o que nos leva a compreender que sua estrutura é instável, visto que faz uso tanto do presente, quanto do futuro, o que atribui a esse uma característica de incompletude e a falta de um final estabelecido.

Por fim, temos a imagem literária como outra peculiaridade de importância no romance. Em seu estudo nomeado de *Epos e romance: sobre a metodologia do estudo do romance*, Bakhtin (1998), afirma que o gênero romanesco reinventa a concepção dada ao personagem, como também ao autor. Ao comparar aos gêneros clássicos, Bakhtin discute que nele os personagens eram compreendidos da seguinte forma:

Não há nada para procurar nele, nada para adivinhar, não se pode desmascará-lo, nem provoca-lo: ele está totalmente do lado de fora, sem envoltório e sem núcleo. Além do mais, o homem épico é desprovido de qualquer iniciativa ideológica (assim como as personagens e o autor). O mundo épico conhece uma só e única concepção de mundo inteiramente acabada, igualmente obrigatória e

indiscutível para os personagens, para o autor e para os ouvintes (BAKHTIN, 1998, p.423).

Com base nesse fragmento, compreendemos que o personagem clássico tem como uma de suas características a completude, visto que o herói não se altera no decorrer da narrativa, mantendo os aspectos de sua personalidade do início ao fim. Essa estabilidade não permite que as representações literárias influenciem umas as outras, como também, cria um distanciamento entre o leitor e personagens, pois esse último não oferece muitas características para que o leitor se identifique com eles (BAKHTIN, 1998). Outro ponto de destaque é o lugar que Bakhtin delimita para o autor nos gêneros clássicos. Para ele, o autor compartilha sua visão com os personagens, haja vista que esse último não é dono de uma consciência, sendo assim “tudo o que os outros, ou o autor, dizem dele [o personagem], ele poderá dizer sobre si mesmo e vice-versa” (BAKHTIN, 1998, p. 423, grifo meu).

Já no caso do romance, temos uma diferente perspectiva. Para esse último, Haiduke (2009) afirma que o gênero romanesco se apodera do homem cotidiano como objeto literário, pois “o homem [sempre esteve] inserido em uma realidade física, social e cultural, eis o objeto que se modelou na ascensão do romance [...]” (HAIDUKE, 2009, p.04, grifo meu). Sendo assim, compreendemos que são as individualidades do homem comum, o meio no qual vive e a cultura da qual compartilha que se torna alvo da literatura romântica. Em *a Estética da criação verbal*, Bakhtin (1997), define o herói romântico como um sujeito instável, que se constrói ao decorrer da narrativa. Nessa perspectiva, esse personagem:

[...] revelará muitos disfarces, máscaras aleatórias, gestos falsos, atos inesperados que dependem das reações emotivo-volitivas do autor; este terá de abrir um caminho através do caos dessas reações para desembocar em sua autêntica postura de valores e para que o rosto da personagem se estabilize, por fim, em um todo necessário (BAKHTIN, 1997, p.27).

Dessa forma, o personagem pode ser considerado um sujeito de várias facetas, que surpreende ao leitor durante a narrativa, pois ele está em constante evolução, sendo o autor que o modela a partir de suas vontades, respeitando os valores sociais, ideológicos, políticos, entre outros, de cada personagem. Esse último seria uma criação consciente, que situa-se no presente ou faz alusão ao futuro e que dialoga tanto com o autor quanto com o leitor. Ao considerarmos esse último, entendemos que esse assume uma diferente postura em comparação aos

gêneros clássicos. O leitor no gênero romanesco interage com o mundo ao qual ele está sendo apresentado, quando é levado a questionasse, a refletir, a construir um conhecimento antes não adquirido. Além disso, o romance destrói a distância entre o leitor e os personagens, pois, aquele que ler nota uma semelhança com aquelas personalidades, e logo se identifica com eles, desejando viver aquela determinada situação (BAKHTIN, 1997).

Nesse contexto, o personagem é a criação do autor, mas torna-se independente de seu criador a partir do momento em que ele termina seu trabalho. Dessa forma, o autor é aquele que dá vida a indivíduos e mundos criados por ele. Para Bakhtin (1997), o papel do artista, como ele define o autor, é: “encontrar o meio de aproximar-se da vida pelo lado de fora” (BAKHTIN, 1997, p.206). Em outras palavras, ele determina que o verdadeiro artista, não tem nada a ver com a realidade, tendo em vista que a arte não deve copiar o real, mas pode se apropriar dele. Nesse sentido, o teórico previamente citado posiciona o autor fora de seu objeto de criação, o que contradiz teorias que costumam fazer uso das obras de autores para compor sua biografia. Sobre isso, Bakhtin (1997) estabelece o seguinte argumento, observe:

O autor reflete a posição emotivo-volitiva de seu herói e não a sua própria atitude para com o herói; esta, o autor a terá concretizado em um objeto, e não poderia, enquanto tal, ser objeto de análise de uma vivência reflexiva; o autor cria, mas não vê sua criação em nenhum outro lugar a não ser no objeto ao qual deu uma forma; em outras palavras, ele só vê o produto em devir de seu ato criador e não o processo psicológico interno que preside a esse ato (BAKHTIN, 1997, p. 28).

Em outras palavras, aquilo que o autor escreve de nada serve para compreender a realidade na qual ele vive, pois Bakhtin defende que durante o processo de criação, o autor não coloca a si mesmo na obra, mas projeta uma imagem de si. Sendo assim, temos o “autor criador” e o “autor homem” (BAKHTIN, 1997, p.32). O primeiro faz referência a imagem que o autor cria a respeito de si na obra, enquanto que o segundo representa a pessoa física do autor. Ao considerar o autor criador, o filósofo russo defende que este está situado no mesmo nível dos personagens e, por isso é capaz de interagir com eles no contexto do romance (BAKHTIN, 1997). Além disso, o espaço e o tempo da criação também se distinguem da realidade. Para Amorim (2006), Bakhtin trás duas definições referentes ao tempo

e espaço em seus estudos. A primeira define o tempo como cronotopo, afirmando que esse se refere ao, “[...] âmbito estrito do texto literário” (AMORIM, 2006, p.94). Nesse contexto, a autora considera que na concepção bakhtiniana o momento e o ambiente no qual um texto literário acontece não remete ao tempo presente vivido pelo autor (AMORIM, 2006). Em contrapartida a isso, temos a exotopia, que se difere do conceito anterior, haja vista que “[...] refere-se à atividade criadora em geral [...]” (AMORIAM, 2006, p.94). O tempo e espaço aqui considerados correspondem à realidade, ao tempo vivido pelo autor durante sua criação.

Dessa forma, para concluir, iremos recapitular os conceitos abordados nesse capítulo, enfatizando sua importância para nosso estudo. Em um primeiro momento, trouxemos os conceitos referentes à retórica e as diferentes perspectivas que contribuíram para sua construção. Depois, nos aprofundamos no pensamento de Aristóteles, que definiu o objeto de estudo da retórica e seus meios persuasivos. Em um segundo momento, se tornou perceptível que para trabalharmos o discurso persuasivo, precisávamos compreender a ciência do discurso, logo, escolhemos o mestre Bakhtin como teórico fundamental para guiar nossa discussão, na qual abordamos conceitos referentes ao surgimento dessa ciência, os gêneros discursivos, a concepção do personagem, do autor, do tempo e espaço.

3 METODOLOGIA

A presente pesquisa tem como propósito a investigação do emprego dos meios persuasivos, etos e patos, nos discursos de duas personalidades de importância no romance *O retrato de Dorian Gray*. Dessa forma, o estudo corresponde ao modelo de pesquisa qualitativa, de cunho interpretativista, haja vista que a análise dos dados parte de uma interpretação nossa sobre os fatos discursivos, buscando promover uma reflexão a respeito dos mesmos, estabelecendo conclusões que visam acrescentar novas informações às premissas que foram dadas, seguindo assim o enfoque indutivo.

Tendo em vista que nossa pesquisa se fundamenta na Análise Dialógica do Discurso (ADD), não podemos desconsiderar o Método Sociológico, haja vista que, em sua obra intitulada de *Discurso na vida e discurso na arte: sobre poética sociológica*, Bakhtin (1929) afirma que, “[...] a arte, também, é iminentemente social” (VOLOSHINOV e BAKHTIN, 1926, p.03). Dessa forma, compreendemos que, esse método em específico, nos permite compreender a língua através de seus aspectos relacionados à vida e, por meio disso, temos a liberdade de propor um estudo que busca compreender a maneira como os sujeitos discursivos fazem uso da palavra no momento de interação, o que, de forma alguma, desconsidera o contexto social e histórico em que os personagens foram idealizados, visto que é através da compreensão desses aspectos que conseguimos atribuir sentido a suas ações.

Partindo desse pressuposto, o estudo que propomos se divide em dois (2) pilares estruturais que são fundamentais para a sustentação de nossa perspectiva a respeito do romance. O primeiro corresponde à seção teórica, na qual, trazemos considerações a partir da perspectiva de Aristóteles sobre sua retórica, dando ênfase nos aspectos relacionados à compreensão do papel do orador, aos meios persuasivos dos quais ele dispõe em seu discurso e à importância dos ouvintes nesse contexto. Em um segundo momento, nessa mesma seção teórica, fazemos alguns apontamentos sobre o estudo do discurso, considerando a perspectiva do Círculo de Bakhtin, pelo qual, propomos discutir a respeito da importância da

palavra, da natureza do discurso, seus gêneros, especialmente ao que se refere ao gênero romanesco. O segundo pilar corresponde à nossa análise, pela qual, buscamos relacionar a teoria anteriormente apresentada com os eventos que constituem a narrativa, estabelecendo uma relação entre ambos, oferecendo, assim, uma interpretação sobre os acontecimentos do romance.

3.1 Corpus

O *corpus* de nossa pesquisa corresponde à segunda edição do romance *O retrato de Dorian Gray*, publicada no ano de 1992, pela editora *Wordsworth Editions*, na versão em língua Inglesa. O interesse por utilizarmos nossa própria tradução a respeito dos fragmentos surgiu a partir de uma insatisfação com as traduções a cerca do romance de Oscar Wilde com as quais nos deparamos, haja vista que muitas delas omitiam informações que consideramos importantes para a narrativa, além de outras não traduzirem ou apresentarem uma tradução não coerente dos paradoxos e as metáforas que o autor emprega em seu texto. Dessa forma, os capítulos que analisamos foram os seguintes: 1, 2, 3, 4, 8, 9, 11 e 14, nos quais, tivemos a finalidade de apontar as características do orador, da persuasão no discurso de Lord Henry Wotton e seus efeitos no discurso de Dorian Gray.

Nosso interesse pelo romance consiste em propor uma nova interpretação a respeito dos eventos na obra de Oscar Wilde, na qual, em nossa perspectiva, é a linguagem que tem um papel de destaque, pois é através da análise dos discursos de Lord Henry que conseguimos compreender como ele exerce influência sob Dorian Gray, levando-o a tornar-se o símbolo vivo das filosofias que Henry acredita e defende com firmeza, resultando assim, na transformação do jovem em um Narcisista, Hedonista, Esteticista e Dândi.

3.2 Procedimentos de análise

A análise de nosso *corpus* foi dividida em três partes, estando à primeira relacionada à apresentação do romance sob a ótica da filosofia do Círculo de Bakhtin, onde apontamos aspectos relacionados à sua natureza plurilíngue, ideológica e dialógica do gênero, além de discutimos sobre o poder de resignificação de discurso no contexto do romance. Em seguida, nos voltarmos à interpretação da natureza discursiva dos personagens, atribuindo a eles a

concepção de herói romântico e as classificações de protagonista e agente pensante, buscando estabelecer uma relação dessa teoria com as características particulares, estando entre elas o caráter do orador que se apropria do *etos* e a ideologia presentes em seus discursos. Ao fim dessa seção, discutimos brevemente a respeito do tempo e espaço da narrativa, buscando mostrar a influência desses elementos tanto na construção discursiva dos personagens quanto no romance em geral.

Na seção posterior, nos propomos a discutir sobre Lord Henry Wotton, trazendo argumentos, em seu discurso, que refletissem a maneira como o personagem faz uso do *etos* e o *patos* para a construção de sua postura como orador. Além disso, buscamos compreender a natureza do personagem através de seu caráter, ideologia e suas intenções, para que, a partir disso, fôssemos capazes de compreender porque o mesmo emprega a persuasão em seu discurso. Com base nessas considerações, apontamos as características do orador no personagem, estando entre elas o timbre de voz que emprega no discurso, a entonação, os movimentos com as mãos, entre outros.

Após esse momento, trouxemos a discussão para a perspectiva do *patos*, tendo a intenção de compreender os efeitos da influência no discurso de seus ouvintes, em específico Dorian Gray. Para atingir esse objetivo, buscamos, no romance, as reações do protagonista ao discurso de seu amigo, tendo em vista seu caráter emocional, as compreendemos como reação de efeito ao emprego desse meio persuasivo no discurso. Além do mais, nos voltamos para o discurso de Dorian, com a intenção de encontrar argumentos semelhantes ou que faziam referência às palavras de Lord Henry, algo que encaramos como uma evolução ideológica do personagem, tendo seus efeitos tanto na maneira como o personagem discursa, como também em seu comportamento.

4 UMA ANÁLISE DISCURSIVA DO ROMANCE *O RETRATO DE DORIAN GRAY*

Levando-se em conta nossas considerações a respeito da *Retórica Clássica* de Aristóteles e da *Análise Dialógica Do Discurso (AAD)* do filósofo russo Mikhail Bakhtin, nesta seção, propositamos uma análise discursiva da obra *O retrato de Dorian Gray* do escritor, poeta, dramaturgo e crítico Oscar Wilde (1854-1900). Ao determinamos seu romance como objeto de análise, temos interesse em compreender a relação dialógica de influências que se desenvolve entre dois personagens de importância na narrativa, sendo eles: Lord Henry Wotton e Dorian Gray. Nessa perspectiva, inicialmente, propomos apontar as características gerais do romance, para que, assim, possamos apresentar nossas considerações sobre esses elementos presentes na obra, sendo eles fundamentais para a riqueza de sua construção. Em seguida, intencionamos uma análise discursiva com base na perspectiva de Bakhtin, o qual delimita que, para compreender o discurso, precisamos entender “quem fala e em que condições fala” (BAKHTIN, 2002, p.192). Por essa razão, tentamos compreender primeiro as personalidades dos personagens de Wilde, em seguida seu contexto de fala para que, por fim, possamos nos dedicar a análise dos elementos de persuasão na palavra discursiva daquele que fala (etos) e seus efeitos sob quem o escuta (patos)

4.1 O romance de Oscar Wilde sob uma ótica bakhtiniana

A obra *O retrato de Dorian Gray* é um dos clássicos da literatura Inglesa que continua sendo objeto de discussões e diferentes interpretações na atualidade. Essa inquietação que o romance provoca em seus leitores é definida a partir do Círculo de Bakhtin como uma característica do gênero romanesco, pois podemos presumir que, o texto literário “[...] é feito para ser apreendido de maneira ativa, para ser estudado a fundo, comentado e criticado no quadro do discurso interior [...]” (BAKHTIN, 2006, p.126). Dessa forma, o romance de Oscar Wilde se encaixa dentro dessa definição, visto que desde sua publicação em 1890, na revista *Lippincott's Monthly*, despertou a atenção dos leitores que, inicialmente, desaprovaram o conteúdo da obra por considerá-la indecente. Esse entendimento a respeito do texto levou o autor a reeditá-lo e publicá-lo novamente no ano seguinte. Na perspectiva de Bakhtin, as contraditórias interpretações recebidas pelo romance, com o passar dos anos, são

resultado da capacidade do discurso de resignificação (BAKHTIN, 2006). Dessa forma, o filósofo russo defende a importância do contexto histórico durante o momento da leitura do texto literário, visto que contribui para a criação de novos significados, o que mantém o discurso da obra sempre vivo e atual (BAKHTIN, 2006). Em *O retrato de Dorian Gray*, percebemos que as diferentes interpretações que surgiram contribuíram para a construção de um caráter apreciativo do romance que o tornou alvo de diferentes adaptações teatrais, musicais e cinematográficas.

Nessa lógica, o único romance escrito por Oscar Wilde conta a história de Dorian Gray, um jovem que desperta a atenção de todos com sua beleza e pureza. Durante uma festa, ele conhece Basil Hallward, um famoso pintor, que solicita a presença do jovem em seu estúdio. Grato pelo convite, Dorian aceita posar para o pintor, que esconde sua admiração pelo belo rapaz, confessando-a mais tarde para seu amigo, Lord Henry Wotton, em uma de suas típicas visitas. A partir desse momento, este último declara que está destinado a conhecer o garoto que encanta todos, e, ao fazê-lo, surpreende-se! Em suas próprias palavras, era como se “[...] ele [Dorian] tivesse se mantido intocado pelo mundo²” (WILDE, 1992, p.16, tradução minha, grifo meu).

Após esse contato inicial, Lord Henry passa a observar o jovem e conclui que o mesmo apresenta todos os aspectos necessários, a juventude e a beleza, para se tornar um Hedonista. Por essa razão, ele decide conscientizar Dorian a respeito de como é drástica a perda da juventude, afirmando: “eu pensei o quão trágico seria se você fosse arruinado. Há tão pouco tempo para que aproveite sua juventude, tão pouco tempo³” (WILDE, 1992, p.22, tradução minha). É apenas ao se deparar com seu retrato finalizado que Dorian toma consciência do quanto é belo, enchendo-se de inveja do quadro, pois sua imagem está destinada a permanecer jovem e bonita, enquanto que ele, o modelo vivo, definha com o passar dos anos. Em desespero, ele repensa as palavras ditas por Henry, convencendo-se do quão terrível é seu futuro e, por essa razão, afirma ser capaz de fazer qualquer coisa para manter sua juventude, o que inclui vender sua própria alma. Ao dizer isso, seu desejo se realiza. As ações do tempo não o afetam mais, em vez disso, são direcionadas para o

² No texto original: “One felt that he had kept himself unspotted from the world”.

³ No texto original: “I thought how tragic it would be if you were wasted. For there is such a little time that your youth will last,— such a little time”.

quadro, que passa a envelhecer em seu lugar, além de refletir as impurezas da alma de Dorian, consequências da sua jornada em busca do prazer.

Ao pensarmos sobre a ressignificação do discurso, não podemos desconsiderar seu caráter dialógico. Para Bakhtin, “a linguagem do romance é construída sobre uma interação dialógica ininterrupta com as linguagens que a circundam” (BAKHTIN, 2002, p.191). Na breve introdução do romance que fizemos acima, é possível perceber a relação dialógica que as personalidades principais sustentam entre si, aspecto fundamental para o desenvolvimento da narrativa. Dessa forma, compreendemos que o romance necessita do diálogo para o seu desenvolvimento, pois diferente dos gêneros anteriores, a conversação, nesse contexto, demonstra ter mais relevância do que a própria ação (BAKHTIN, 2002). Ao lermos o romance de Wilde, é exatamente essa impressão que temos, visto que nas próprias palavras do autor, quando fora questionado sobre o estilo de sua narrativa, o mesmo respondeu: “[...] assim como na minha vida, o livro é apenas conversação sem ação... meus personagens sentam em cadeiras e dialogam⁴” (DREW, 2001, p. XXIV, tradução minha).

Quando interagem entre si, os personagens concordam ou discordam do discurso do outro, tendo em vista que o romance nesse contexto é compreendido como plurilíngue e ideológico (BAKHTIN, 2002), pois as representações literárias criadas por Oscar Wilde oferecem diferentes perspectivas a respeito do mundo no qual estão inseridas. Nas palavras de Bakhtin, o herói “[...] tem sua própria concepção do mundo, personificada em sua ação e em sua palavra” (BAKHTIN, 2002, p. 137). Entre os vários personagens presentes no romance, selecionamos Lord Henry Wotton e Dorian Gray para uma análise discursiva de seus discursos, pois a relação dialógica que se desenvolve entre eles corresponde aos interesses dessa pesquisa.

Nessa perspectiva, as duas personalidades têm a função de protagonistas no romance, mas são representados artisticamente de maneira diferente. A imagem discursiva de Lord Henry corresponde a de um orador encantador, que não apenas seduz com seus discursos, mas com sua postura, visto que usa trajes elegantes e aparenta pertencer à classe elevada da sociedade vitoriana, pois, constantemente, é convidado para festas, participa de concertos musicais e comparece ao teatro. Seu

⁴ No texto original: “Rather like my own life, the book is all conversation and no action... my people sit in chairs and chatter”.

discurso é tanto plurilíngue quanto ideológico, pois sua palavra varia entre a linguagem filosófica e científica, assim como também está carregada de conhecimento e vivência (BAKHTIN, 2006). Entretanto, a experiência do personagem está relacionada à observação e reflexão, não à ação. No trecho seguinte, observaremos como o personagem demonstra seu caráter filosófico no discurso:

Eu posso simpatizar com tudo, exceto o sofrimento [...]. Não posso simpatizar com isso, é muito feio, terrível e tremendamente angustiante. Existe algo de terrível e mórbido na moderna simpatia com a dor. Nós deveríamos simpatizar com as cores, a beleza, a alegria de viver. Quanto menos for dito a respeito das aflições da vida, melhor⁵. (WILDE, 1992, p. 34).

Na citação acima, o caráter filosófico do personagem está presente no ato de demonstrar sua opinião com a intenção de levar seus ouvintes a refletirem sobre aquilo que foi dito. Além disso, a sua palavra dialoga com o pensamento de filosofias posteriores, especialmente o hedonismo e esteticismo, para a construção da intertextualidade em seu discurso, tendo em vista que Henry se apropria da palavra de outrem, sem estabelecer uma citação direta, apagando “[...] as fronteiras do discurso citado, a fim de colori-lo com as suas entonações, o seu humor, e a sua ironia, o seu ódio, com o seu encantamento ou seu desprezo” (BAKHTIN, 2006, p 154). No trecho seguinte, observaremos a manifestação de seu caráter científico:

Meu querido Dorian é verdade. Tenho analisado as mulheres atualmente, então eu devo saber. O assunto não é tão confuso quanto pensei que fosse. Descobri que no fim das contas, existem apenas dois tipos de mulheres: as ordinais e as coloridas. As primeiras são muito úteis se você quer ganhar uma reputação respeitável. Tudo que precisa fazer é levá-las a um jantar. No segundo tipo temos as mulheres charmosas. Entretanto, elas cometem apenas um erro. Elas se maquiavam para parecerem jovens. Nossas avós se maquiavam para falarem de maneira brilhante. O ruge e o humor caminhavam juntos, porém, isso não existe mais hoje em dia. Desde que uma mulher consiga aparentar ser dez anos mais jovem do que sua própria filha, ela estará satisfeita. Quanto à conversação, existem apenas cinco mulheres em Londres das quais valem a pena conversar, sendo que duas delas não são bem vindas em nossa sociedade moral (WILDE, 1992, p.40, tradução minha).

De acordo com a citação acima, nesse caso, sua linguagem apresenta as características correspondentes ao discurso científico, visto que o personagem

⁵ No texto original: “I can sympathise with everything, except suffering, [...] I cannot sympathise with that. It is too ugly, too horrible, too distressing. There is something terribly morbid in the modern sympathy with pain. One should sympathise with the colour, the beauty, the joy of life. The less said about life’s sores the better”.

ênfatiza o hábito de fazer análises a respeito de temas presentes no cotidiano. Além do mais, quando Henry ênfatiza que a análise parte de uma observação sua: “tenho analisado as mulheres atualmente, então eu devo saber” (WILDE, 1992, p.40), o que deixa transparecer que seu comentário parte de uma opinião própria, ressaltando a informalidade dos discursos no romance, pois eles não precisam se basear em um conhecimento concreto, visto que os próprios personagens têm a liberdade de criarem suas próprias teorias, ou mencionarem um pensamento compartilhado por muitos, sem uma referência direta.

Com base nessas considerações a respeito da linguagem discursiva do personagem, voltamos à perspectiva de Bakhtin sobre o personagem romanesco para definir que Lord Henry Wotton tem a função de um herói pensante, pois ele “[...] é apenas uma pessoa que fala, incapaz de agir e condenado à palavra despojada: aos sonhos, aos sermões passivos, ao didatismo, às reflexões estereis, [...]” (BAKHTIN, 2002, p.136). Assim como mencionamos anteriormente, a palavra do personagem está carregada de experiência, mas esta se refere à reflexão e ao pensamento e não à ação propriamente dita, pois, embora se autoproclame um esteticista, hedonista, entre outros... e tenha frequentemente como tema de seus discursos sua própria filosofia que norteiam seus ouvintes para um estilo de vida ideal, o mesmo não vive da maneira que convence os outros a viverem e, por essa razão, concordamos com Bakhtin (1997) quando ele afirma que os personagens revelam, “[...] muitos disfarces, máscaras aleatórias, gestos falsos [...]” (BAKHTIN, 1997, p.27).

Ao que se refere a Dorian Gray, compreendemos que sua imagem discursiva, inicialmente, corresponde a um jovem belo, puro e ingênuo que deseja seguir uma carreira filantrópica. Entretanto, ao decorrer da narrativa, seu discurso sofre uma mudança drástica, na qual, sua imagem discursiva perde os traços demarcados anteriormente, tornando-se superficial, egoísta e autodestrutivo. Esses aspectos mencionados anteriormente estão presentes em seu discurso desde o momento que o personagem se depara com seu quadro já finalizado. Vejamos o fragmento seguinte:

Agora eu entendo, quando alguém perde sua boa aparência, não importa quem essa pessoa seja, ele perde tudo. O seu quadro me ensinou isso. Lord Henry Wotton está completamente certo. A juventude é a única coisa

que vale a pena possuir. Quando eu perceber que estou envelhecendo, devo me matar⁶ (WILDE, 1992, p.24, tradução minha).

Esse processo de evolução pelo qual o personagem está sujeito corresponde a uma das características do protagonista no contexto do romance, haja vista que, na perspectiva bakhtiniana, os personagens são sujeitos instáveis que se desenvolvem com o decorrer da narrativa (BAKHTIN, 1997). Contudo, Dorian Gray representa o personagem principal, visto que os eventos do romance se desencadeiam em torno dele e, por esse motivo, compreendemos que o discurso dele é composto pela ação e a palavra (BAKHTIN, 2002). Na construção do romance, a ação é crucial para o desenvolvimento da narrativa, pois, embora Lord Henry consiga convencer Dorian a viver sua filosofia dos prazeres, levando-o a aderir sua ideologia discursiva, seus discursos se diferem durante o decorrer da narrativa, haja vista que enquanto Henry permanece no comodismo de sua classe social, incapaz de agir tendo em vista a natureza de sua construção discursiva, Dorian busca colocar em prática as teorias de seu amigo nos subúrbios da cidade de Londres.

Ao considerarmos o tempo e espaço no romance, percebemos que a história tem como cenário a cidade de Londres, como bem menciona o narrador no início da narrativa: “ao longe, os vagos ruídos de Londres soavam como o bordão de um órgão distante⁷” (WILDE, 1992, p.5, tradução minha). É com base nos detalhes referentes à riqueza, esplendor, ostentação e luxuosidade do ambiente, como vemos na seguinte descrição de Henry: “o sol havia alcançado as janelas de ouro escarlate no andar superior das casas do lado oposto a sua⁸” (WILDE, 1992, p.49, tradução minha), que situamos os personagens foco de análise como membros da alta sociedade em uma Inglaterra do século XIX (1837-1901), reinado da rainha Vitória. Esse período, em específico, se tornou conhecido como um momento de mudanças, haja vista o contexto da revolução industrial que causou o enriquecimento de poucos e o empobrecimento de muitos. Além disso, essa época também teve seu destaque em discussões a respeito da posição social do sexo feminino, sendo as sufragistas, um dos grupos de defesa dos direitos das mulheres que teve grande destaque.

⁶ No texto original: “I know, now, that when one loses one’s good looks, whatever they may be, one loses everything. Your picture has taught me that. Lord Henry Wotton is perfectly right. Youth is the only thing worth having. When I find that I am growing old, I shall kill myself”.

⁷ No texto original: “The dim roar of London was like the bourdon note of a distant organ”.

⁸ No texto original: “The sunset had smitten into Scarlet gold the upper windows of the houses opposite”.

Em *O retrato de Dorian Gray*, temos vários tipos de cronotopos: o estúdio de Basil; a biblioteca de Henry; a casa de Dorian; as ruas de Londres; o teatro; entre outros. Contudo, analisaremos brevemente apenas um deles, a casa de Dorian, para que compreendamos a influência dos elementos espaço-temporais na construção dos personagens. No trecho seguinte, temos uma narração de um dos costumes típicos do período vitoriano, no qual, os membros da classe elevada costumam planejar festas para entretenimento próprio, como também uma forma de socializar-se com os membros da mesma classe. Observemos a descrição seguinte de uma das festas, na qual Dorian fora o anfitrião:

[...] De modo algum, ele [Dorian] era negligente com suas relações sociais. Durante a temporada de inverno, uma ou duas vezes por mês, e nas tardes de quarta feira, ele abria as portas de sua bela residência para o mundo, tendo como entretenimento para seus convidados os mais charmosos músicos do momento para a apreciação de suas artes. Seus pequenos jantares, arranjados sob a assistência de Lord Henry, eram conhecidos pela rigorosa seleção dos convidados e pelo requintado decoração da mesa, junto a sutil sintonia dos arranjos de flores exóticas, as roupas bordadas e os obsoletos pratos de ouro e prata (WILDE, 1992, p.103, tradução minha, grifo meu).

Nessa citação, o protagonista comenta a respeito de suas relações sociais, considerando-as importantes para manter as aparências em meio à sociedade, haja vista que, com o passar dos anos, Dorian se torna alvo de desconfiças, visto o aspecto inalterável de sua aparência. Entretanto, é “[...] sua grande riqueza um elemento que garante sua segurança⁹” (WILDE, 1992, p.113) e, por essa razão, o protagonista sente a necessidade de manter os costumes típicos de sua classe social. Na perspectiva de Bakhtin (2002), o espaço e o tempo no contexto literário “[...] incluem elementos utópicos e simbólicos, mas a natureza e a função deles estão agora totalmente modificadas” (BAKHTIN, 2002, p.267). Com base nesse ponto de vista, entendemos que os aspectos culturais, estéticos e históricos no romance não são apenas elementos representativos, mas também, componentes que trazem consigo um significado metafórico, o que contribui para um enriquecimento da linguagem literária. Na cena que apresentamos previamente, constatamos que o apego de Dorian por seu status social e os privilégios que a ele são concedidos como, por exemplo, as exaltações da riqueza, do belo e da luxúria, não podem ser apenas vistos como elementos de referência ao contexto histórico, visto que essas representações estão norteadas pela intenção do autor, e, no que

⁹ No texto original: “His great wealth was a certain element of security”.

tange ao personagem, esses elementos podem ser interpretados como uma maneira de enfatizar sua postura hedonista.

Em virtude dos fatos apresentados anteriormente, concluímos que essa seção teve o propósito de fazer uma breve introdução à obra *O retrato de Dorian Gray* de Oscar Wilde, a qual se fundamentou na perspectiva do filósofo russo Mikhail Bakhtin e suas considerações a respeito desse gênero literário que estão presentes em seu texto: *Questões de literatura e de estética: A teoria do romance*, e outras de suas obras, nas quais, ele reflete sobre o discurso, o caráter, a ideologia, entre outros, sendo esses aspectos essenciais para a compreensão discursiva dos personagens. Na seção seguinte, propomos analisar, separadamente, a imagem discursiva dos personagens mencionados aqui e previamente apresentados, nos aprofundando nas particularidades de seus discursos para que possamos compreender o uso da persuasão presente na palavra de Lord Henry Wotton e seu efeito de influência no protagonista do romance, Dorian Gray.

4.2 O esteta e seu discurso retórico no romance de Wilde

Considerando as características que apresentamos previamente a respeito da imagem discursiva de Lord Henry Wotton, pretendemos, nessa seção, introduzi-lo sob uma diferente perspectiva, na qual utilizamos a *Retórica Clássica* de Aristóteles para compreender como o personagem faz uso dos meios persuasivos que pretendemos analisar, ou seja, *etos* e *patos*, tendo em vista que o primeiro corresponde ao estudo da imagem criada pelo discurso do orador e o segundo, aos efeitos afetivos, passionais e emocionais que a persuasão causa em seus ouvintes. Entretanto, não deixaremos de levar em conta o pensamento de Bakhtin, uma vez que nosso trabalho se fundamenta em sua perspectiva e, por essa razão, traremos considerações sobre a ideologia do personagem romântico, aspecto esse que influencia na construção de seu discurso retórico.

Na perspectiva aristotélica, o termo orador qualifica aquele que demonstra conhecer a arte retórica (Ret. Liv. I Cap. I). Em *O retrato de Dorian Gray*, Lord Henry é o personagem que apresenta as características de um orador, pois, ao proferir seus discursos, ele se apropria da persuasão para cativar e comover seus ouvintes. De acordo com Aristóteles, o discurso persuasivo se constitui a partir de uma “[...] exortação no sentido de induzir as pessoas a uma certa escolha, discurso ou ação

[...]” (Ret. Liv. I, Cap. I, 43, 1421b120). Portanto, constatamos que um discurso dessa natureza, geralmente, apresenta algo de novo ou, pelo menos, é instaurado com expressões diferentes (Ret. Liv. III Cap. XI), e, por essa razão, o ato de persuadir se torna um elemento fundamental para que esse discurso seja aceito. Ao pensarmos a respeito dessa ação no contexto do romance, observamos que um conceito semelhante é atribuído à persuasão, sendo definida por Lord Henry como o ato de influenciar alguém. Observe no fragmento seguinte:

[...] influenciar alguém é dar a ele sua própria alma. Ele não pensa de forma natural, ou arde por suas próprias paixões. Suas virtudes não são mais reais. Seus pecados, se é que existe tal coisa, são emprestados. Ele se torna o eco da música de outra pessoa, o ator de um papel que não foi escrito para ele¹⁰ (WILDE, 1992, p.18, tradução minha).

A partir desse trecho, retirado do primeiro discurso que Henry profere para seu novo amigo, após Basil defini-lo como uma má influência, percebemos que Henry manifesta a persuasão em seu discurso através da relação dialógica que desenvolve com Dorian Gray, visto que, além de informá-lo sobre sua filosofia de vida, o mesmo se esforça para convencer o jovem a aceitá-la para si. Nesse contexto, a partir de Bakhtin (2002) podemos pressupor que um discurso dessa natureza se caracteriza por possuir uma palavra interiormente persuasiva, sendo ela determinante para, “[...] o processo da transformação ideológica da consciência individual [...]” (BAKHTIN, 2002, p. 145). Portanto, compreendemos que o discurso de Henry é naturalmente persuasivo, e, por causa disso, entra em conflito com a ideologia de seus ouvintes.

De acordo com Aristóteles, existem três meios persuasivos, sendo que Lord Henry faz uso dos três, entretanto, propomos analisar apenas dois deles: *etos* e *patos*. Para o filósofo, o primeiro se caracteriza pelo uso de elementos como o “[...] timbre de voz, a modulação e cadência [...]” (Ret. Liv III, Cap. I, 212, 1403b130), para atrair a atenção dos ouvintes, como também considera o caráter como “[...] o mais eficiente meio de persuasão de que dispõe” (Ret. Liv I, Cap. II, p. 45, 1356a110). A seguir, mostraremos um fragmento do romance, no qual, o narrador apresenta uma descrição da impressão que Lord Henry causa em Dorian Gray:

¹⁰ No texto original: “[...] to influence a person is to give him one’s own soul. He does not think his natural thoughts, or burn with his natural passions. His virtues are not real to him. His sins, if there are such things as sins, are borrowed. He becomes an echo of someone else’s music, an actor of a part that has not been written for him”.

Ele [Dorian] não conseguia evitar gostar daquele sujeito alto e gracioso em pé ao seu lado. Seu rosto romântico, cor de oliva, com expressões desgastadas o interessava. Havia algo em sua voz baixa e sensual que o deixava completamente fascinado. Suas mãos brancas, calmas e delicadas tinham certo charme. Enquanto falava, ele as movia e, como na música, elas pareciam ter uma linguagem própria¹¹ [...] (WILDE, 1992, p.20, tradução minha, grifo meu).

Com base nessa descrição, percebemos que o personagem utiliza elementos exteriores ao discurso, sendo a aparência, os movimentos com as mãos, a entonação e a tonalidade de sua voz, recursos utilizados para cativar a atenção de seu público. Partindo desse pressuposto, compreendemos que Henry constrói uma imagem atrativa de si, o que permite que seus ouvintes atribuam mérito àquilo que é dito por ele. Além desses aspectos que se associam ao discurso, o caráter do personagem também se mostra fundamental para a construção da imagem discursiva do orador. Na perspectiva aristotélica, o caráter é algo mutável, que se compõe a partir das intenções do orador. Em *O retrato de Dorian Gray*, inicialmente, Henry tem a intenção de tornar o rapaz consciente sobre as vantagens de sua juventude e a beleza no século em que vivem e, por essa razão, seus discursos exaltam esses aspectos da personalidade do jovem, como veremos no fragmento a seguir:

[...] Você possui um esplêndido e belo rosto, Sr. Gray. Não franza a testa, é verdade. E a beleza é um talento dos mais elevados, na verdade, é superior ao talento, pois essa não necessita de explicação. É um dos grandes fatos do mundo, como a luz solar, a primavera, ou o reflexo da lua em formato de concha em águas escuras. A beleza não pode ser questionada, tem o direito divino de soberania. Ela transforma em príncipes aqueles que a possuem. Você sorrir? Ah! Quando você tiver a perdido, não irá sorrir... As pessoas falam às vezes que beleza é algo superficial. Talvez seja, mas pelo menos não é tão superficial quanto o pensamento. Para mim, a beleza é a maravilha das maravilhas. Apenas pessoas superficiais não julgam pela aparência. O verdadeiro mistério do mundo é algo visível, não invisível... Sim, Sr. Gray, os deuses têm sido bons com você, mas o que os deuses dão, eles rapidamente retiram. Você tem apenas alguns anos para realmente viver de maneira perfeita e completa. Quando sua juventude se for, sua beleza irá com ela (WILDE, 1992, p.21, tradução minha).

É essa apreciação pela beleza que atribuí a Henry um caráter de lisonjeador em relação a Dorian Gray. Nessa perspectiva, compreendemos que, nesse caso, é através dos elogios aos seus ouvintes que o orador consegue a afeição de seu

¹¹ No texto original: "He could not help liking the tall, graceful young man who was standing by him. His romantic olive-coloured face and worn expression interested him. There was something in his low, languid voice that was absolutely fascinating. His cool, white, flower-like hands, even, had a curious charm. They moved, as he spoke, like music, and seemed to have a language of their own".

público. Para Aristóteles, o lisonjeador é “[...] alguém que vemos sob a aparência de um admirador ou de um amigo” (Ret. Liv. I, Cap. X, p.96, 1371a120). Por essa razão, entendemos que, quando o orador formula seu caráter dessa maneira, seu discurso assume a aparência de um conselho para aqueles que o escutam, o que os leva a ter uma impressão de que o orador é alguém que os conhece bem e, conseqüentemente, sabe o que é melhor para eles. No contexto do romance, o protagonista apresenta uma reação dessa natureza, a partir do momento em que Henry o convencer de que o suicídio de Sybil Vane, uma jovem atriz por quem Dorian se apaixona, não tem nada a ver com a maneira brusca como o rapaz terminou o relacionamento entre eles. A respeito disso, Dorian afirma: “[...] eu te devo um grande favor por tudo que você me falou. Certamente, você é meu melhor amigo. Ninguém nunca foi capaz de me entender tão bem¹²” (WILDE, 1992, 85, tradução minha).

Ao pensarmos sobre o caráter no discurso do personagem, não podemos descartar a influência da ideologia, pois, “[...] a língua, no seu uso prático, é inseparável de seu conteúdo ideológico ou relativo à vida” (BAKHTIN, 2006, p.97). Dessa forma, consideramos que o pensamento de Lord Henry é norteador, principalmente, pela ideologia do movimento esteticista, tendo em vista que é por causa dessa concepção que ele desenvolve um repentino interesse por Dorian Gray. Em seu primeiro encontro com o protagonista, Henry propõe que ele se torne: “[...] um novo Hedonista – é isso que o nosso século necessita, você deve se tornar seu símbolo aparente. Com a sua personalidade não existe nada que não possa fazer¹³, [...]” (WILDE, 1992, p.21, tradução minha). No entanto, ao decorrer da narrativa, percebemos que a concepção de hedonista proposta por Henry, e praticada por Dorian, apresenta um sentido particular, pois busca encontrar o prazer através da arte. Constatamos isso através dos diferentes interesses que o protagonista, após aderir à filosofia de Henry, desenvolve no decorrer da narrativa: Inicialmente, desenvolve uma súbita paixão por Sybil Vane, uma atriz, a quem ele devota seu amor não pela pessoa que ela realmente é, mas sim, pelas personagens que ela representa no palco. Vejamos: “Ela é todas as heroínas do mundo em uma pessoa

¹² No texto original: “[...] I am awfully obliged to you for all that you said to me. You are certainly my best friend. No one has ever understood me as you have”.

¹³ No texto original: “[...] a new Hedonism – that is what our century wants You might be its visible symbol. With your personality there is nothing you could not do”.

só, ela é muito mais que um simples indivíduo¹⁴ [...]” (WILDE, 1992, p.45, tradução minha). Em outra ocasião, o protagonista revela sua apreciação pela música, “Em outro momento, ele se devotou completamente a música, confinado em um extenso quarto, onde, as paredes e o teto tinham como tema as cores vermelha e o dourado¹⁵ [...]” (WILDE, 1992, p.107, tradução minha).

Partindo desse pressuposto, percebemos que, no contexto do romance, os personagens revelam que o movimento esteticista tinha como propósito a exaltação de tudo aquilo relacionado à arte, sendo a beleza, a juventude, a cultura, as sensações e sentimentos, elementos essenciais para a criação artística. Na perspectiva de Bakhtin (2002) o discurso do personagem apresenta uma bivocalidade visto que os aspectos voltados a sua imagem discursiva e, especialmente sua ideologia, relembram ao discurso do próprio autor. Em sua epístola denominada *De profundis*, Wilde defende sua posição como esteticista, ao afirmar: “[...] tudo que toquei tornei belo em um novo modo de beleza: [...] tratei a arte como a suprema realidade e a vida como mero modo de ficção” (WILDE, 2014, p.93-94). Dessa maneira, constatamos que o pensamento esteticista era algo presente no discurso de Wilde, e, com base nisso, podemos comprovar a bivocalidade em seu personagem, Lord Henry, pois, como define Bakhtin, esse tipo de discurso é uma “[...] fusão interna de dois pontos de vista, duas intenções e duas expressões num discurso” (BAKHTIN, 2002, p. 199). Em outras palavras, a bivocalidade se refere ao momento em que o pensamento do autor se funde com o de um personagem, respeitando as características e vontades do mesmo (BAKHTIN, 2002). Sobre isso, encontramos a seguinte colocação:

Quando um esteta se põe a escrever um romance, seu esteticismo não se revela absolutamente na construção formal, mas no fato de que o romance representa uma pessoa que fala que é o ideólogo do esteticismo, que desvenda sua profissão de fé, sujeita a uma provação no romance, Assim é *O Retrato de Dorian Gray*, de Wilde [...] (BAKHTIN, 2002, p. 135, grifo do autor).

Nesse trecho, Bakhtin (2002) revela uma característica particular do autor declarado esteta, visto que este prefere tornar um dos personagens o representante de sua ideologia, caracterizando seu discurso como apologista e polemista. Ao que

¹⁴ No texto original: “She is all the great heroines of the world in one. She is more than an individual”.

¹⁵ No texto original: “At another time he devoted himself entirely to music, and in a long latticed room, with a vermilion-and-gold ceiling and walls [...]”.

remete a natureza discursiva de Henry, compreendemos que, por construir seu discurso a partir de uma crítica ao contexto histórico e social no qual vive, seria difícil para o personagem conseguir a apreciação de seu público, entretanto, é exatamente uma reação oposta a essa que observamos no romance. Lord Henry é um dos personagens cuja presença é constantemente solicitada em festas e nas residências de pessoas importantes em seu nível social. Essa reação de seus ouvintes, na perspectiva aristotélica, pode ser compreendida através da maneira como Henry se apresenta aos seus ouvintes, sendo o riso uma das estratégias que ele utiliza para distraí-los do assunto sobre o qual discursa. Nas palavras de Aristóteles, esse meio é importante para a, “[...] obtenção da receptividade do ouvinte, dando uma boa impressão do caráter do orador, o que é sempre útil para garantir a sua atenção” (Ret. Liv III, Cap. XIII, p. 254, 1415a135).

A partir disso, ao voltarmos nossa atenção para a constituição do discurso de Henry, constatamos que este se constrói a partir de máximas, as quais são definidas como: “a expressão de uma opinião individual acerca de assuntos gerais [...]” (Ret. Alex. Cap. X, p. 71, 1430b140). Nesse contexto, compreendemos que a perspectiva do orador é importante para que seja construída uma imagem apreciativa sobre ele, pois, quando discursa e demonstra ter conhecimento a respeito de temáticas diversas, o ouvinte reconhece o locutor como alguém que predispõe de conhecimento, tornando-se, assim, alvo de admiração. A seguir, temos um fragmento de um dos discursos de Henry, no qual ele enfatiza o uso de sua opinião na sua construção argumentativa, vejamos:

[...] Há tão pouco tempo para que você aproveite sua juventude, tão pouco tempo. As flores comuns das colinas iram murchar, mas floresceram novamente. Os laburnos estarão tão amarelos no próximo junho, quanto eles estão agora. Em um mês, haverá estrelas purpuras nos clematites e, ano após ano, as folhas verdes as seguraram. Mas nossa juventude nunca retorna, a pulsação de alegria que bate em nós aos vinte, torna-se lenta. Nossos membros falham, nossos sentidos apodrecem. Degeneramo-nos em fantoches horríveis, atormentados pelas memórias das paixões que nos amedrontaram, e das requintadas tentações que não tivemos coragem suficiente de nos entregar. Juventude! Juventude! Não existe nada no mundo, além da juventude! (WILDE, 1992, p.22, tradução minha).

A partir desse trecho, percebemos que, quando se dirige ao protagonista, Lord Henry maximiza as consequências trazidas pelo estado natural do envelhecimento, apropriando-se de metáforas para apresentá-lo como algo grotesco e amedrontador. De acordo com Aristóteles, entre todas as figuras de linguagem, a

metáfora é aquela que “[...] mais contribui para conferir ao pensamento clareza, encanto e o tom não familiar a que nos referimos, [...]” (Ret. Liv. III, Cap. II, p.216, 1404b110). Além do mais, ao enfatizar para Dorian as consequências de perder sua juventude, Henry assume a postura de alguém que emite um conselho, mas, ao mesmo tempo, apela para as emoções, fazendo uso de uma persuasão que não mais se caracteriza pelo *etos*, mas sim pelo uso do *patos*, haja vista que, nesse contexto, Lord Henry demonstra ter a finalidade de provocar o medo e pânico no protagonista.

Desse modo, considerando os aspectos que apresentamos nessa seção, podemos sintetizá-lo ao afirmar que tivemos a intenção de apresentar as características que constituem um orador que constrói seu discurso, principalmente, a partir da persuasão através do *etos*. Tendo em vista que o orador tem a liberdade de utilizar mais de um meio persuasivo em seu discurso, sendo esse o caso do orador no romance de Wilde, na seção seguinte, propomos uma discussão a respeito do *patos*, o segundo meio persuasivo, do qual, Henry se apropria para garantir a adesão de Dorian Gray à sua filosofia dos prazeres. A respeito dessa temática, temos o objetivo de analisar os impactos desse meio persuasivo no discurso do protagonista, buscando ressaltar aspectos relacionados à posição que o interlocutor assume nesse contexto e como seu discurso se altera nessas circunstâncias.

4.3 Os efeitos da persuasão no discurso de Dorian Gray

Ao considerarmos a persuasão como objeto de estudo, percebemos a importância que atribuímos à palavra, pois é por meio dela que conseguimos comunicar ideias, sentimentos, pensamentos e opiniões. Além disso, também somos capazes de criar realidades, nomear seres e coisas, raciocinar de maneira lógica e estabelecer diálogos uns com os outros. De acordo com Bakhtin (2006), é por meio da palavra que, “[...] defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade, [...]” (BAKHTIN, 2006, p.115). Nessa perspectiva, compreendemos que são as palavras que nos possibilitam construir uma identidade própria, da qual nos apropriamos para uma interação coletiva. Entretanto, quando nos deparamos com um discurso de natureza persuasiva, percebemos que uma diferente função é dada à palavra, pois essa é apresentada de maneira encantadora

ou amedrontadora, haja vista que é a intenção dada a ela que define seu caráter. No romance de Wilde, é Dorian Gray que revela o caráter das palavras de Lord Henry, tendo em vista que elas o impressionam, mas, ao mesmo tempo, provocam o medo, visto o impacto que elas causam no protagonista. Observemos o fragmento seguinte:

[...] Palavras! Meras palavras! Quão terríveis, evidentes, vividas e cruéis! Ninguém pode escapar delas, e ainda, que mágica súpil elas trazem consigo! Elas são capazes de prover forma plástica as coisas sem forma, além de possuir uma melodia própria, tão doce quanto à viola e o alaúde. Meras palavras! Existe algo mais real que as palavras?¹⁶ (WILDE, 1992, p.19, tradução minha).

Com base nessa passagem, compreendemos que é através da palavra que o orador é capaz de influenciar o pensamento, as paixões e sentimentos de seus ouvintes. Nesse contexto, Bakhtin (2006) propõe que a palavra “[...] se apoia sobre mim numa extremidade, na outra se apoia sobre o meu interlocutor” (BAKHTIN, 2006, p. 115), o que significa que a mesma funciona como uma ponte que interliga os indivíduos durante o momento da comunicação. Na perspectiva aristotélica, os sujeitos que fazem parte do processo de comunicação são o orador e a pessoa a quem ele se dirige (Ret. Liv I, Cap. II), sendo que esse último é compreendido como: “[...] um observador ou um juiz” (Ret. Liv. I. Cap. II, p. 53, 1358b1), sendo eles, compreendidos como indivíduos que produzem um julgamento a respeito do discurso, da postura do orador ou dos temas sobre os quais ele discursa. Nesse contexto, constatamos que entre ambos os sujeitos da comunicação se desenvolve uma relação de influências, pois um interfere na construção discursiva do outro. No fragmento seguinte, veremos um dos momentos em que Lord Henry admira a reação de Dorian Gray ao seu discurso, maravilhado com o efeito que suas palavras tiveram sob o jovem, observe:

Com um sorriso súpil, Lord Henry o observou. Ele sabia o exato momento psicológico de não dizer nada. Ele se sentia intensamente interessado, estava maravilhado com a repentina impressão que suas palavras haviam produzido, [...] Ele havia, meramente, atirado no escuro. Será que havia atingido o alvo? O quão fascinante era o jovem!¹⁷ (WILDE, 1992, p. 19, tradução minha).

¹⁶ No texto original: Words! Mere words! How terrible they were! How clear, and vivid, and cruel! One could not escape from them. And yet what a subtle magic there was in them! They seemed to be able to give a plastic form to formless things, and to have a music of their own as sweet as that of viol or of lute. Mere words! Was there anything so real as words?

¹⁷ No texto original: With his subtle smile, Lord Henry watched him. He knew the precise psychological moment when to say nothing. He felt intensely interested. He was amazed at the sudden impression

Ao constatarmos essa ação do personagem, podemos interpretá-la a partir da ótica aristotélica, o qual concebe um papel de importância aos ouvintes, afirmando que é através da observação do público que o orador comprova a eficácia da persuasão em seu discurso. Nessa perspectiva, a partir da passagem acima, compreendemos que é por meio da observação das reações que Lord Henry sofre uma interferência em seu discurso, haja vista que o efeito desse discurso afeta a construção discursiva do seu caráter. No caso do protagonista, quando Dorian demonstra aceitar o discurso de Lord Henry, o mesmo permite que este último exerça influência sob ele, podendo, assim, causar uma interferência em seu caráter e sua ideologia, entre outros.

No entanto, na perspectiva bakhtiniana, os personagens são compreendidos como locutores e interlocutores, pois consideramos ambos os sujeitos ativos no momento da comunicação. Ao que concerne ao interlocutor, esse se encontra em uma posição, em que tanto “[...] concorda ou discorda dele [do discurso] (total ou parcialmente), completa-o, aplica-o, prepara-se para usá-lo, etc. [...]” (BAKHTIN, 2016, p.25, grifo meu). Desse modo, entendemos que ao interagirem entre si, os personagens desenvolvem uma relação dialógica, na qual eles compartilham valores culturais, ideológicos, históricos e sociais. Contudo, Bakhtin (2002) ressalta que, quando a palavra do personagem é determinada como interiormente persuasiva, sendo esse o caso de Lord Henry, ela não se apresenta mais “[...] na qualidade de informações, indicações, regras, modelos, etc., - ela procura definir as próprias bases de nossa atitude ideológica em relação ao mundo e de nosso comportamento” (BAKHTIN, 2002, p.142). Partindo desse pressuposto, compreendemos que um discurso desses, naturalmente, propõe uma alteração ideológica e, conseqüentemente, comportamental, de seus interlocutores. Entretanto, não podemos estabelecer todo crédito dessa ação ao locutor, haja vista que cabe aos interlocutores aceitar ou refutar as palavras do outro. No contexto do romance de Wilde, Dorian Gray é o personagem que se submete à persuasão discursiva de Lord Henry, visto que a aceitação de sua ideologia parte de uma escolha sua, como vemos no trecho seguinte: “Harry passa suas manhãs falando sobre coisas inacreditáveis, e suas noites fazendo o que é improvável. Esse é o tipo de vida que

that his words had produced, [...] He had merely shot an arrow into the air. Had it hit the mark? How fascinating the lad was!

eu gostaria de viver¹⁸” (WILDE, 1992, p.94, tradução minha). Dessa forma, compreendemos que o protagonista passa por um processo de evolução ideológica, sendo este definido na compreensão de Bakhtin (2002), como o momento em que o interlocutor passa a assimilar as palavras de outrem, empregando-as em seu próprio discurso, o que resulta em uma alteração de sua ideologia e, conseqüentemente, de seu comportamento (BAKHTIN, 2002).

Ao pensarmos a respeito dessa perspectiva bakhtiniana sobre o interlocutor, estando ele em caráter de importância no mesmo nível atribuído ao locutor, compreendemos que, no contexto do discurso retórico, o orador deve buscar seduzir com suas palavras, tendo o propósito de impressionar seus ouvintes para que consiga gerar a persuasão. Em *o retrato de Dorian Gray*, o protagonista é aquele que mais se impressiona com os discursos de Lord Harry, o que o leva a buscar pela companhia do mesmo com maior frequência, como veremos na passagem seguinte: “Eu [Dorian] sinto que devo ir com você, deixe que eu vá. E me prometa que irá conversar comigo o tempo todo, ninguém fala tão maravilhosamente quanto você” (WILDE, 1992, p. 37, tradução minha, grifo meu). Esse efeito que o discurso de Lord Henry consegue causar em Dorian Gray, pode ser compreendido através da concepção de Aristóteles a respeito do *patos*. De acordo com o filósofo, esse meio persuasivo se caracteriza pela construção de um discurso que prioriza o despertar das emoções de seus ouvintes, pois considera que, “[...] os julgamentos que emitimos variam segundo experimentamos sentimentos de angústia ou júbilo, amizade ou hostilidade” (Ret. Liv I, Cap. II, p.46, 1356a115). Nesse contexto, percebemos que as palavras de Henry tem a intenção de despertar um sentimento em seus ouvintes e, ao fazerem isso, elas impressionam. Observemos a passagem seguinte, no qual, o narrador descreve a reação de Dorian ao discurso de Henry:

Por quase dez minutos ele permaneceu ali, imóvel, com os lábios entreabertos e os olhos repletos de um estranho brilho. Ele estava vagamente consciente dos efeitos que aquelas novas influências usufruíam sobre si, mas acreditava que elas haviam se originado de seu próprio interior. As poucas palavras ditas pelo amigo de Basil – palavras faladas por acaso, com certeza e repletas de paradoxos – tocaram em alguma corda secreta que nunca antes havia sido tocada, mas agora, Dorian a sentia vibrando na forma de batimentos curiosos (WILDE, 1992, p.19, tradução minha).

¹⁸ No texto original: Harry spends his days in saying what is incredible, and his evenings in doing what is improbable. Just the sort of life I would like to lead.

Dessa maneira, percebemos que a emoção que o orador se propõe a suscitar em seus ouvintes tem relação com suas intenções, haja vista que, como vimos na seção anterior, Lord Henry tem a intenção de se tornar um modelo de admiração para Dorian Gray, sendo por essa razão que ele assume o caráter de um lisonjeador, pois “[...] frequentemente gostamos daqueles que nos lisonjeiam ou bajulam” (Ret. Liv. I, Cap. X, p.98, 1371b120). No fragmento anterior, constatamos que as palavras de Henry despertam sentimentos em Dorian que provocam sua curiosidade, levando o protagonista a buscar com frequência a companhia de Lord Henry. Como resultado dessa constante interação entre os dois, percebemos que, aos poucos, o discurso de Dorian Gray passa a se assemelhar ao do próprio Henry. A respeito disso, podemos constatar isso tanto através de suas ações, que coincidem com o comportamento proposto pelo seu amigo, que enfatiza uma constante busca pelo belo, o artístico e prazeroso, como também a partir da observação de sua maneira de discursar.

Ao que diz respeito à mudança comportamental que acontece com o protagonista, podemos percebê-la tanto através dos discursos dos outros personagens quanto por meio da análise das palavras do protagonista, haja vista que a influência de Henry está presente no fato de Dorian, com frequência, referenciar as reflexões de seu amigo, seja de forma direta ou indireta. Por causa disso, quando outros personagens interagem com ele, os mesmos reconhecem as palavras de Henry em seu discurso, como faz Victoria, esposa de Henry durante uma conversa com Dorian Gray, observe:

Lady Henry: [...] Eu gosto das músicas de Wagner mais do que de qualquer outra pessoa. São tão altas que qualquer um pode conversar durante toda a apresentação, sem que ninguém nos escute. Acredito que seja uma excelente vantagem, não concorda, Sr. Gray?

Dorian Gray: [...] Sinto em lhe dizer que não pensou assim, Lady Henry. Eu nunca falo durante uma apresentação de música, pelo menos não em boas apresentações. Se alguém escuta uma música ruim, é obrigação dela abafa o som em meio à conversa.

Lady Henry: Ah! Essa é uma das concepções de Harry, não é Sr. Gray? Eu sempre as escuto por meio de seus amigos [...] (WILDE, 1992, p.39, tradução minha).

Na passagem acima, vemos o momento em que Lady Henry conversa com Dorian Gray, enquanto esse último espera por Henry na biblioteca do mesmo. Ao questioná-lo a respeito de quando foi à última vez que ela o viu com Harry, Victoria expressa sua opinião a respeito da música e do concerto que assistiu, no qual

Dorian estava presente com seu esposo. Quando se depara com a opinião do jovem a respeito de seu comentário, instantaneamente, a mesma reconhece as palavras de Henry através do discurso de Dorian. Além do mais, em outros momentos, alguns personagens demonstram perceber essas mudanças na personalidade do jovem, estando entre eles Basil Hallward, o artista que pintou o retrato de Dorian e que, inicialmente, aconselhou o rapaz a não se deixar influenciar pelo pensamento de seu amigo, Lord Henry. No entanto, quando repara que o rapaz dá pouca importância ao seu conselho, ele passa a observar os efeitos do discurso de Harry sob o jovem, observemos:

Algo te mudou completamente. Você parece o mesmo esplêndido rapaz, a quem, dia após dia, costumava vim ao meu estúdio e posar para seu retrato. No entanto, você era simples, natural e afetuoso, você era a criatura mais pura no mundo todo. Agora, você fala como se não tivesse coração e nem compaixão, eu não sei o que aconteceu com você. Isso só pode ser o resultado da influência de Henry, agora entendo (WILDE, 1992, p.88, tradução minha).

Com base nesse comentário feito por Basil, compreendemos que o personagem é submetido a um processo de mudanças ao decorrer da narrativa, estando elas relacionadas à sua personalidade, ações e ao discurso. Neste contexto, ao que concerne às alterações em seu discurso, também a percebemos na maneira como ele discursa. É quando o protagonista sente a necessidade de convencer um de seus amigos, que ele faz uso da persuasão em seu discurso, da mesma forma que Lord Henry a utiliza ao tentar convencê-lo. Entretanto, como vimos anteriormente, o personagem se apropria tanto do *etos* quanto do *patos* em seu discurso, porém, no caso de Dorian Gray, o mesmo propõe uma construção discursiva apenas através da utilização do último meio persuasivo. Esse acontecimento, em específico, se desencadeia logo após Dorian assassinar Basil Hallward, onde ele passa a buscar alternativas para se livrar do corpo sem levantar suspeitas e, por causa disso, ele recorre a Alan Campbell, um cientista que costumava ser seu amigo, mas que, após perceber a má influência que Dorian se tornou, afastou-se dele. Nesse cenário, o jovem solicita que Alan desenvolva um experimento que seja capaz de decompor o corpo de Basil, desintegrando-o completamente. Nas palavras do personagem: “Alan, você deve destruí-lo, assim

como tudo que pertence a ele, em um punhado de cinzas que eu possa soprá-las ao vento¹⁹ (WILDE, 1992, p.135, tradução minha).

Para atingir esse propósito, inicialmente, Dorian tenta esconder a verdade através de seus argumentos, afirmando que Basil cometeu suicídio, em uma tentativa de fazer Alan não vê-lo como culpado. No entanto, ao perceber que seu visitante não demonstra nenhum sentimento positivo em relação a ele, Dorian confessa que é culpado do crime; entretanto, tenta justificá-lo a partir da construção de uma imagem pejorativa de Basil, como vemos na seguinte passagem:

Foi um assassinato, Alan. Eu o matei, mas você não sabe o quanto ele me fez sofrer. Tudo isso que minha vida se tornou, tem mais a ver com sua intromissão nela, do que o pobre Lord Henry jamais teve. Talvez ele não tenha tido a intenção de fazer isso, mas o resultado foi o mesmo (WILDE, 1992, p.134, tradução minha).

Em seguida, Dorian apela pela compaixão de seu ouvinte ao relembrar o passado deles, afirmando: “[...] eu imploro a você que faça isso, lembre-se de que já fomos amigos²⁰” (WILDE, 1992, p. 135, tradução minha). Observando essa ação do personagem sobre uma perspectiva aristotélica, compreendemos que ao relembrar do passado, Dorian faz uso de uma das estratégias dos oradores, pois estes procuram evocar eventos do passado, presente ou predicar o futuro tanto para despertar a curiosidade dos ouvintes como também, no caso do personagem, estabelecer uma relação de aproximação com o outro. Contudo, ao perceber que Alan não reage da maneira como ele pressupõe, pois, permanece se negando a ajudar o protagonista, é que Dorian começa a ameaça-lo, sob a alegação de que existe um segredo entre eles, do qual o protagonista afirma ser capaz de abrir mão se Alan refutar novamente sua proposta. Vejamos o fragmento seguinte:

Eu tenho uma carta escrita, aqui está ela. Veja o endereço! Se você não me ajudar, eu prometo que a enviarei. Se não me ajudar, eu a enviarei. Você sabe qual será o resultado disso. Mas eu sei que irá me ajudar, é impossível que se negue a isso agora. Eu tentei poupá-lo, você deve admitir isso. Você me tratou como nenhum outro homem jamais ousou me tratar, pelo menos não um que ainda esteja vivo. Você foi severo, duro e ofensivo comigo, mas eu aguentei a tudo. Agora é a minha vez de ditar os termos (WILDE, 1992, p.136, tradução minha).

Nessa perspectiva, compreendemos que o *patos* é empregado em sua construção discursiva, pois ele busca por suscitar a compaixão em Alan,

¹⁹ No texto original: You, Alan, you must change him, and everything that belongs to him, into a handful of ashes that I may scatter in the air.

²⁰ [...] But I beg of you to do this. We were friends once, Alan.

inicialmente, fazendo-o sentir pena dele, mas quando recebe uma resposta negativa de seu ouvinte, ele propõe despertar o medo através da ameaça. A respeito disso, Aristóteles delimita que, quando o orador tem a intenção de despertar a compaixão em seu ouvinte, é necessário que, “[...] eles ou estiveram, ou estão em má situação, ou estarão se teus ouvintes não lhe prestarem auxílio” (Ret. Alex. Cap. XXXIV, 1439b130). No caso do protagonista, ele realmente se propõe a despertar a compaixão em seu antigo amigo, entretanto, quando percebe que seus argumentos não são suficientes, ele desiste e emprega o medo para atingir seu objetivo.

A partir dessa interpretação, compreendemos que ambos os personagens empregam a persuasão em seus discursos, sendo essa ação de Dorian Gray resultado da influência de Lord Henry sob ele. No entanto, é possível que a maneira como Harry se apropria da persuasão é mais eficiente do que quando Dorian a faz, visto que o primeiro não se apropria apenas das emoções para conseguir a aceitação de seu público, mas, sim, utiliza diferentes elementos interiores ou exteriores ao discurso para atingir esse fim. Além disso, ao fazer uso do *etos*, o personagem utiliza seu caráter para conseguir o apreço de seus ouvintes ao seu discurso, haja vista que ele se apresenta, em certos momentos, como um cientista, enquanto que, em outros, como um filósofo, sendo suas análises a respeito da vida, algo que fortifica seus argumentos. Ao que concerne a Dorian Gray, ele não demonstra se apropriar de uma imagem discursiva, mas, quando o faz, por causa das suas ações imorais, torna-se impossível para seu público atribuir algum mérito positivo aos seus argumentos. Além disso, quando se propõe a convencer, o faz por meio dos sentimentos, entretanto, seus argumentos carecem de fundamentação científica ou filosófica, visto que as únicas alegações desse caráter que ele apresenta estão relacionadas à filosofia hedonista e esteticista que, inicialmente, Henry apresenta, mas que, ao se apropriar dela, Dorian a declara sua, como podemos ver no fragmento seguinte:

Ele [Dorian] buscava elaborar um novo projeto de vida que tivesse sua fundamentação e seus ordenados princípios na filosofia, e que encontrasse sua sublime realização nas mais elevadas sensações²¹ (WILDE, 1992, p.104, tradução minha, grifo meu).

²¹ No texto original: He sought to elaborate some new scheme of life that would have its reasoned philosophy and its ordered principles, and find in the spiritualising of the senses its highest realisation.

A respeito disso, Bakhtin (2002) apresenta uma característica interessante da palavra interiormente persuasiva, afirmando que esta estimula a criatividade de seus interlocutores, os levando a refletir sobre aquele conteúdo ideológico e apresentar suas próprias reflexões a respeito do mesmo. Nas palavras do filósofo russo, essa palavra, “[...] continua a se desenvolver livremente, adaptando-se ao novo material, às novas circunstâncias, a se esclarecer mutuamente, com os novos contextos” (BAKHTIN, 2002, p.146), por meio dessa perspectiva, conseguimos compreender o comportamento do personagem, pois ele não apenas se apropria de um conhecimento, para usá-lo novamente da mesma forma que o aderiu, em vez disso, o interlocutor a modifica de sua forma e a considera sua, haja vista que a palavra se caracteriza por ser, “[...] comumente metade nossa, metade de outrem” (BAKHTIN, 2002, p.145).

Com base nessas considerações, percebemos que a palavra interiormente persuasiva tem um forte impacto em seus ouvintes, sendo responsável por influenciar a consciência do indivíduo, provocando uma mudança em sua ideologia, caráter, comportamento, entre outros. Dessa forma, consideramos que, nesta seção, tivemos o propósito de discutir a respeito da palavra interiormente persuasiva, buscando, assim, apontar seus efeitos no discurso do protagonista, haja vista que, pela perspectiva do Círculo bakhtiniano, essa palavra caracteriza o discurso de Lord Henry Wotton, sendo por meio dela que ele consegue persuadir seus interlocutores. Entretanto, não satisfeitos com apenas essa perspectiva, buscamos abordar os meios persuasivos delimitados por Aristóteles em sua *Retórica Clássica*, através da qual nos apropriamos do conceito de *patos*, para que, nessa seção, pudéssemos apontar as características do orador que utiliza, em específico, esse meio persuasivo em sua construção discursiva, além de buscarmos mostrar os efeitos dessa persuasão através do discurso de Dorian Gray, protagonista do romance.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao considerarmos a persuasão como parte da construção retórico-discursiva dos personagens, como resultado, tivemos a comprovação da hipótese inicial que estabelecemos para essa pesquisa, tendo em vista que a mesma propunha considerar o personagem Lord Henry Wotton como um orador no contexto do romance. Sendo assim, foi através de nossa investigação que constatamos que a palavra do personagem apresenta as qualidades que a caracterizam como persuasiva, seja através da perspectiva de Aristóteles, ou de Bakhtin. Nesse contexto, é ao buscarmos compreender essas características que respondemos à primeira, das três perguntas que estabelecemos como nosso problema de investigação. Dessa forma, ao questionarmos se Lord Henry apresenta as qualidades de um orador, encontramos a seguinte resposta: no contexto da retórica, Henry corresponde ao conceito de orador, pois se propõe a discursar com frequência, fazendo uso de elementos relacionados à sua aparência, ao caráter e às emoções para convencer seus ouvintes. Além do mais, o personagem utiliza estratégias que Aristóteles considera essenciais para a melhor aceitação de um argumento, sendo elas o riso e o emprego de sua opinião no discurso. Já na perspectiva bakhtiniana, a palavra no discurso de Lord Henry corresponde a de um sujeito que tem a intenção de convencer, pois se caracteriza por ser como interiormente persuasiva, visto que se constrói a partir de uma ideologia que se configura por ser apologista e polêmica.

Ao considerarmos o personagem como um orador, buscamos responder a pergunta seguinte, a qual questiona sobre como Lord Henry emprega os meios persuasivos em seu discurso. A respeito disso, determinamos que a persuasão, nesse contexto, acontece através do discurso, pois é nele que os meios persuasivos se manifestam para atribuir a uma ação certo resultado. Nessa perspectiva, Aristóteles delimita os meios de persuasão, dos quais Henry se apropria para conseguir levar Dorian Gray a aderir à sua filosofia dos prazeres, visto que comprovamos isso através da maneira como Henry se aproxima de Dorian. Logo no início, o mesmo se apropria do *etos*, ao discursar sobre o belo e seu valor na sociedade em que vivem, tendo a intenção de tornar o protagonista consciente de sua beleza, como também causar uma impressão em seu público. Ao conseguir a atenção do rapaz, Henry faz uso do *patos*, buscando, assim, alertar sobre a

brevidade da juventude e da beleza, maximizando os efeitos do estado natural de envelhecimento, propondo manipular as emoções do protagonista, para que, através do sentimento de medo, seja capaz de levar o mesmo a atribuir mérito ao seu discurso. Ademais, quando consegue se tornar modelo de admiração de Dorian, Lord Henry assume o caráter de um lisonjeador, tendo a intenção de fazê-lo o ver como seu único amigo, o que, conseqüentemente, atribuí maior relevância à sua palavra, haja vista que a mesma assume a forma de um conselho.

Com base nas considerações, fomos capazes de compreender a natureza discursiva de Lord Henry Wotton, sendo a persuasão algo que caracteriza seu discurso. Não estando satisfeitos com esses levantamentos, propomos considerar o protagonista do romance, o qual assume o papel de ouvinte na perspectiva Aristotélica, sendo o interlocutor no contexto do pensamento bakhtiniano. Dessa maneira, fizemos o seguinte questionamento: quais os efeitos dessa persuasão em Dorian Gray? A respeito disso, fomos capazes de compreender que os efeitos relacionados à influência que Henry exerce sob Dorian Gray se manifesta no discurso do protagonista por meio de suas ações, sua palavra e sua maneira de discursar. O primeiro se refere a seu comportamento hedonista e esteticista que o protagonista assume, tendo como resultado a prática de ações relacionadas à exaltação do belo e artístico, além da realização de atos considerados imorais pela sociedade vitoriana representada no contexto do romance. Por conseqüência, temos o segundo efeito que observamos em seu discurso, haja vista que suas palavras se tornam um eco das palavras de Lord Henry, as quais o personagem, constantemente, faz referência, seja de maneira direta ou indireta em seus discursos. Além do mais, quando se propõe a discursar, Dorian emprega, em seu discurso, elementos persuasivos relacionados ao *patos* para conseguir convencer através do uso das emoções, como fizera Lord Henry com ele.

Em suma, percebemos que, com essa pesquisa, conseguimos trazer considerações de importância a respeito dos sujeitos discursivos e o emprego de suas estratégias persuasivas no discurso. Além do mais, fomos capazes de conceder ao romance de Oscar Wilde uma diferente perspectiva, na qual é a persuasão que tem um papel de maior relevância, haja vista que é por meio de seu uso que os personagens, Lord Henry Wotton e Dorian Gray, conseguem exercer uma influência mútua um sob o outro. No caso do protagonista, compreendemos que essa ação de Henry em relação a Dorian foi essencial para que ele

desenvolvesse um comportamento narcisista, hedonista, esteticista, entre outros, através do qual pode-se demonstrar que todas essas filosofias têm em comum a exaltação da beleza, da juventude e do artístico, pensamento esse que norteia a ideologia, o comportamento e as ações adotadas pelo protagonista, levando-o a percorrer um caminho em direção a decadência.

REFERÊNCIAS

AMORIM, Marília. **Cronotopo e exotopia**. In: BRAIT, Beth. Bakhtin outros conceitos chaves. São Paulo: Contexto, 2006, p. 95-113.

ARISTÓTELES. **Retórica a Alexandre**. Tradução de Edson Bini. São Paulo: EDIPRO, 2012.

ARISTÓTELES. **Retórica**. Tradução de Edson Bini. São Paulo: EDIPRO, 2013.

BAKHTIN, M./VOLOSHINOV, V. N. **Discurso na vida e discurso na arte: sobre poética sociológica**. Tradução de C. A. Faraco; C. Tezza. Circulação restrita. [1926]

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Tradução de PEREIRA, Maria E.G.P. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BAKHTIN, M. Epos e romance: sobre a metodologia do estudo do romance. In: **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. Tradução por: BERNADINI, Aurora T. et al. 4 ed. São Paulo: UNESPHUCITEC, 1998, p.397- 428.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 12 ed. São Paulo: HUCITEC, 2006.

BAKHTIN, M. **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. 5 ed. São Paulo: HUCITEC, 2002.

BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso**. Tradução de BEZERRA, Paulo. São Paulo: Editora 34, 2016.

BRAIT, Beth. **Análise e teoria do discurso**. In: BRAIT, Beth. Bakhtin outros conceitos chaves. São Paulo: Contexto, 2006, p. 09-29.

FRATRIC, G. **Epigramas e vozes: as autoconsciências em O retrato de Dorian Gray**. Disponível em: http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UPM_6e2a1ff6dabfa8d6f5ea9f8d76d35f0c. Acesso em: 10/10/20.

FIORIN, José Luiz. Os gêneros do discurso. In: FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: ática, 2009, p. 60-76.

FONSECA, Ísis Borges. B. A retórica na Grécia antiga. In: MOSCA, Lineide D. L.S. **Retóricas de ontem e de hoje**: São Paulo: Humanitas, 2001, p.99-108.

GRAY, David E. **Pesquisa no mundo real**. Tradução de COSTA, Roberto C. Porto Alegre: Penso, 2012.

HAI DUKE, P. R. A. **A modernidade entre o desencanto e a idealização: um diálogo entre história e literatura a partir do romance A La Recherche Du Temps Perdu de Marcel Proust**. 2009. 172 f. Dissertação (Mestrado em História) – Pós Graduação em História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009.

KENNEDY, George A. Sophists and physicians of the Greek enlightenment. In: EASTERLING, P. E.; KNOX, B. M. W. **The Cambridge History of Classic Literature: I Greek Literature**. Cambridge: Cambridge University Press, 2008, p.472 – 477.

OLIVEIRA, Antônio Flávio Ferreira de. **A construção de estratégias argumentativas no tribunal do júri: uma proposta dialógica – discursiva**. Tese (doutorado em linguística) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2019.

RODRIGUES, K. **O ethos discursivo: uma análise por meio de seus traços na personagem Lord Henry no romance *The Picture of dorian gray*, de Oscar Wilde**. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/index.php/contextoslinguisticos/article/view/7350>. Acesso em: 08/10/20.

NASCIMENTO, Ilderlandio Assis de Andrade. **O discurso citado na carta de Paulo aos romanos: uma abordagem discursivo-enunciativa**. Tese (doutorado em linguística) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2019.

REBOUL, Olivier. Origens da retórica na Grécia. In: REBOUL, Olivier. **Introdução à retórica**. São Paulo: Martins Fontes, 2004, p.01-19.

WILDE, O. *The Picture of Dorian Gray*. United Kingdom: Wordsworth Editions, 1992.

WILDE, O. *The profundis*. Tradução de LEITE, Cássio A. São Paulo: Alaúde, 2014.